

Universidade Federal de São Carlos  
Centro de Educação e Ciências Humanas  
Programa de Pós-Graduação em Ciência, Tecnologia e Sociedade

**Análise foucaultiana na organização de documentos na  
web**

Flávia Vieira da Silva Santos

São Carlos - SP  
2013

FLÁVIA VIEIRA DA SILVA SANTOS

**Análise foucaultiana na organização de documentos na  
web**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciência, Tecnologia e Sociedade, do Centro de Educação e Ciências Humanas, da Universidade Federal de São Carlos, como parte dos requisitos para a obtenção do título de Mestre em Ciência, Tecnologia e Sociedade.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup>. Nádea Regina Gaspar

São Carlos - SP  
2013

**Ficha catalográfica elaborada pelo DePT da  
Biblioteca Comunitária da UFSCar**

S237af

Santos, Flávia Vieira da Silva.

Análise foucaultiana na organização de documentos na web / Flávia Vieira da Silva Santos. -- São Carlos : UFSCar, 2013.

91 f.

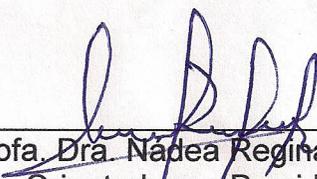
Dissertação (Mestrado) -- Universidade Federal de São Carlos, 2013.

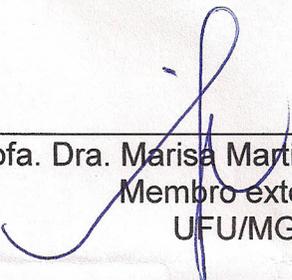
1. Análise do discurso. 2. Arqueologia do saber. 3. Tratamento da informação. 4. Web 2.0. 5. *The Beatles*. I. Título.

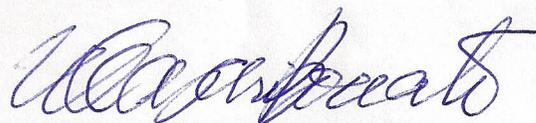
CDD: 401.41 (20ª)



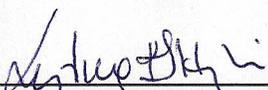
**BANCA EXAMINADORA DA DISSERTAÇÃO DE MESTRADO DE  
FLÁVIA VIEIRA DA SILVA SANTOS**

  
\_\_\_\_\_  
Profa. Dra. Nádea Regina Gaspar  
Orientadora e Presidente  
UFSCar

  
\_\_\_\_\_  
Profa. Dra. Marisa Martins Gama-Khalil  
Membro externo  
UFU/MG

  
\_\_\_\_\_  
Profa. Dra. Vera Regina Casari Boccato  
Membro interno  
PPGCTS/UFSCar

Submetida a defesa pública em sessão realizada em: 25/09/2013.  
Homologada na 5ª reunião extraordinária da CPG do PPGCTS, realizada  
em 27 /09 /2013.

  
\_\_\_\_\_  
Profa. Dra. Maria Cristina Piumbato Innocentini Hayashi  
Coordenadora do PPGCTS

Fomento:

defesa de nº 84

À toda minha família e ao meu amor.

## **AGRADECIMENTOS**

À minha orientadora Nádea Regina Gaspar, pelo estímulo constante a aprendizagem e pela orientação nesta pesquisa.

À professora Marisa Martins Gama-Khalil e à professora Vera Regina Casari Boccato pelo privilégio de tê-las em minha banca de mestrado e pelas considerações e ensinamentos.

Aos meus pais Mário e Margareth, à minha irmã Fernanda e a toda a minha família, por todo o aprendizado que recebi e recebo a cada dia.

Ao meu amor, Miky, que permitiu e me ajudou nessa caminhada, sendo meu professor na vida.

Às minhas amigas e irmãs Andressa Magalhães D'Andrea, Mayara Fernanda Oliveira Lima, Rafaella Silva Fernandes e Juliana Nayara Aguiar, com as quais pude e posso contar sempre.

E a todos que fizeram parte e contribuíram de uma maneira ou de outra, para que esse estudo se realizasse.

Obrigada a todos!

O discurso, em sua determinação mais profunda, não seria ‘rastros’? E seu murmúrio não seria o lugar das imortalidades sem substância? Seria preciso admitir que o tempo do discurso não é o tempo da consciência levado às dimensões da história, ou o tempo da história presente na forma de consciência? Seria preciso que eu supusesse que em meu discurso não está em jogo minha imortalidade? E que falando dele não conjuro minha morte, mas a estabeleço ou, antes, suprimo toda interioridade nesse exterior que é tão indiferente à minha vida e tão *neutro* que não estabelece diferença entre minha vida e minha morte?

Michel Foucault

## RESUMO

SANTOS, F. V. S. **Análise foucaultiana na organização de documentos na web**. 2013. 91 f. Dissertação (Mestrado em Ciência, Tecnologia e Sociedade) – Universidade Federal de São Carlos - UFSCar, São Carlos, 2013.

Em 1966, iniciaram-se comentários diversos sobre a possibilidade da morte de Paul McCartney, integrante da banda The Beatles, supostamente ocorrida em um acidente de carro. Este acontecimento extravazou o âmbito dos “comentários” esparsos, tomou corpo em diversas mídias e adentrou o campo científico. O objetivo foi compreender aspectos sobre a teoria discursiva, como proposta por Michel Foucault, aplicando-a em textos da web, tendo em vista a necessidade da organização de acervos no campo da Ciência da Informação. Como amostragem, aplicamos alguns dos princípios deste teórico em um *corpus* de cunho artístico, e analisamos textos encontrados na web a partir do enunciado “morte de Paul McCartney”. Para tanto, foram adotados os conceitos foucaultianos sobre “Ciência e Saber”, “Comentário” e “Arquivo”. A mobilização desta teoria foucaultiana permitiu que a descrição dos documentos se correlacionasse e compusesse um arquivo discursivo específico sobre o tema, oriundo de diversos gêneros, suportes e materialidades. Como resultado, o arquivo discursivo apresentado neste trabalho, como amostragem, sobre o tema “morte de Paul McCartney”, foi representado através de infográfico, demonstrando as relações entre os múltiplos documentos. A partir das discussões empreendidas em torno do campo da Análise do Discurso de Foucault e de alguns parâmetros de como a informação vêm sendo disponibilizada na web com subsídios advindos de teorias da Ciência da Informação foi possível, ainda, traçar relações visando possibilidades desta Ciência se amparar também na Análise do Discurso de Foucault, em busca de uma nova maneira de analisar, organizar e disponibilizar conteúdos disponíveis no universo da web.

**Palavras-chave:** Análise do Discurso. Ciência da Informação. Michel Foucault. Arqueologia do Saber. Web. Beatles. Morte de Paul McCartney.

## ABSTRACT

SANTOS, F. V. S. **Foucault's analysis in the organization of web documents**. 2013. 91 f. Dissertação (Master in Science, Technology and Society) – Universidade Federal de São Carlos - UFSCar, São Carlos, 2013.

In 1966, began several comments about the possibility of the death of Paul McCartney, The Beatles band member allegedly occurred in a car accident. This event went beyond the scope of the “comments” sparse, took shape in various media and entered the scientific field. The objective was to understand aspects of the discourse theory, as proposed by Michel Foucault, applying it in web texts in view the need of organizing collections in the field of Information Science. As a sample, we apply some of the principles of this theory in a corpus of artistic imprint, and analyze texts found on the web from the statement "death of Paul McCartney." Therefore, we adopted the Foucault's concepts “Science and Knowledge”, “Comment” and “Archive”. The mobilization of the Foucault's theory allowed the description of the documents correlates and composed a specific discursive archive on the subject, coming from various genres, media and materiality. As a result, the discursive archive presented in this work, such as sampling, on the theme “death of Paul McCartney”, was represented by infographic, showing the relationships among multiple documents. From the discussions undertaken around the field of Discourse Analysis of Foucault and some parameters of how information have been made available on the web with subsidies arising from theories of Information Science was still possible to trace relationships aiming possibilities of this science is to bolster also in Discourse Analysis of Foucault, in search of a new way to analyze, organize and make available content on the web universe.

**Keywords:** Discourse Analysis. Information Science. Michel Foucault. Archaeology of Knowledge. Web. Beatles. Death of Paul McCartney.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Visual Thesaurus.....	39
Figura 2 – Google.....	40
Figura 3 – Freebase.....	41
Figura 4 – Music Maze.....	42
Figura 5 – The Beatles.....	48
Figura 6 – Capas dos discos oficiais lançados pela banda The Beatles.....	49
Figura 7 – Capas dos 6 primeiros discos dos Beatles, antes do lançamento do disco Revolver. São eles: Please Please me (1963), With the Beatles (1963), A Hard Day’s Night (1964), Beatles for Sale (1964), Help! (1965) e Rubber Soul (1965).....	51
Figura 8 – Capa do disco Revolver.....	52
Figura 9 – Capa do disco Sgt. Pepper's Lonely Hearts Club Band.....	54
Figura 10 – Bumbo de bateria da capa do disco Sgt. Pepper's Lonely Hearts Club Band.....	55
Figura 11 – Contra capa do disco Sgt. Pepper's Lonely Hearts Club Band.....	56
Figura 12 – Capa do disco Magical Mystery Tour.....	57
Figura 13 – Encarte do disco Magical Mystery Tour.....	58
Figura 14 – No disco <i>Magical Mystery Tour</i> , a palavra “BEATLES”, no espelho, forma um número de telefone, 5371438.....	59
Figura 15 – Capa do disco The Beatles.....	59
Figura 16 – Fotografia do encarte do disco The Beatles em que Paul McCartney em uma banheira.....	59
Figura 17 – Fotografia do encarte do disco The Beatles em que Paul McCartney aparece entrando em um trem.....	60
Figura 18 – Capa do disco Abbey Road.....	61
Figura 19 – Carro de polícia na capa do disco Abbey Road.....	62

Figura 20 – Paul McCartney segurando o cigarro com a mão direita na capa do disco Abbey Road.....	62
Figura 21 – Placa do carro que aparece do lado esquerdo da capa do disco Abbey Road.....	63
Figura 22 – Entrevista de Paul McCartney no programa David Letterman Show.....	64
Figura 23 – Paul McCartney aparece de chinelos na sessão de fotografias para a capa do disco Abbey .....	65
Figura 24 – Revista em quadrinhos do Batman.....	67
Figura 25 – Revista em quadrinhos da Turma da Mônica.....	68
Figura 26 – Paródia da capa do disco Abbey Road nos quadrinhos da Turma do Penadinho.....	69
Figura 27 – Capa do livro “The walrus was Paul: the great beatle death clues”.....	72
Figura 28 – “Turn me on, dead man: The Beatles and the ‘Paul is dead’ hoax” .....	73
Figura 29 – Infográfico do arquivo discursivo sobre o tema “morte de Paul McCartney”.....	76
Figura 30 – Início do infográfico: integrantes da banda Beatles e assunto “morte de Paul McCartney”.....	77
Figura 31 – Publicações monográficas (livros e tese de doutorado), publicações periódicas (revista e gibis) e sites, incluindo início do infográfico.....	79
Figura 32 – Imagens e vídeos (incluindo início do infográfico).....	80

## **LISTA DE QUADROS**

Quadro 1 – Principais características da Web 2.0 e da Web Semântica.....	31
Quadro 2 – Linguagens da web semântica e suas funções.....	32

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO.....</b>	<b>11</b>
<b>2 ASPECTOS SOBRE A TEORIA DA ANÁLISE DO DISCURSO DE MICHEL FOUCAULT.....</b>	<b>14</b>
<b>3 UM OLHAR PARA A ORGANIZAÇÃO DA INFORMAÇÃO NA WEB.....</b>	<b>22</b>
<b>3.1 Tratamento da informação: princípios, práticas, padrões e linguagens para construção de bibliotecas virtuais e bases de dados <i>online</i>.....</b>	<b>22</b>
<b>3.2 Panorama sobre novas ferramentas da web que auxiliam na divulgação da informação.....</b>	<b>34</b>
<b>4 ANÁLISE DISCURSIVA NOS MOLDES FOUCAULTIANOS SOBRE O TEMA “MORTE DE PAUL MCCARTNEY”.....</b>	<b>47</b>
<b>5 CONFLUÊNCIA DE SABERES: TEORIA ARQUEOLÓGICA DE FOUCAULT APLICADA A ORGANIZAÇÃO DISCURSIVA NO UNIVERSO DA WEB.....</b>	<b>75</b>
<b>6 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>82</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>85</b>

## 1 INTRODUÇÃO

A produção, disponibilização e o acesso às produções dos saberes humanos tornam-se hoje, materiais importantes de análise e comunicação no mundo todo. Atualmente, esta comunicação pode ser feita através de diversas ferramentas *online*, que permitem a facilidade e o alcance significativo entre pessoas de todo o mundo.

No contexto contemporâneo, a internet possibilitou a comunicação interativa, além de auxiliar na disseminação de conteúdos das mais diversas áreas e contribuir nas relações sociais e democratização da leitura, permitindo acesso a músicas, jogos, vídeos, livros etc. em meios eletrônicos e digitais. Deste modo, surgem, diariamente, novas ferramentas computacionais que auxiliam na disseminação de documentos e informações. As ferramentas da internet possibilitam tanto a disseminação de informação<sup>1</sup>, como o gerenciamento do processo e também a criação de novas formas de comunicação de informações. Com isto, percebe-se que as redes sociais facilitaram, de certo modo, a disseminação de informação, seja ela seletivamente, como no caso de ferramentas como o *Twitter* e *RSS*; ou de compartilhamento de conteúdos, como o *Slideshare*, *Bookess*, *Wikipédia*; ou de construção de conteúdos de forma colaborativa, como *Bookess*, *Bubok*, *Vook* e *Wikilivros*; além de outras redes sociais que permitem a interação e troca de conteúdos, como o *Facebook*.

Este trabalho, adotando os princípios da Análise do Discurso de Michel Foucault (2010, 2011), visou analisar o tema “morte de Paul McCartney” em textos disponíveis na web, de maneira, que tais documentos compuseram um arquivo discursivo sobre o tema, o que viabilizou a discussão sobre mais uma maneira, além das apresentadas acima, de se analisar documentos e possibilidades de apresentá-los na web.

Este tema foi escolhido, primeiramente, devido ao interesse pessoal da autora em conhecer mais sobre a história da banda *The Beatles*, bastante prestigiada não somente durante sua existência, mas aclamada por fãs de todas as idades até nos dias atuais. Além disso, como bibliotecária, observa-se que há uma lacuna no universo da web quanto à organização de documentos de cunho artístico, como é o caso deste corpus escolhido: o universo de parte de uma biografia, embora fictícia, de um músico. Assim, no campo da música, literatura, cinema, HQ's, dentre outros do universo artístico e cultural, não se observa, ainda, na Ciência da Informação, estudos que contemplem estes universos específicos, no que diz respeito à organização e disponibilização de documentos aos leitores. Julgamos que esta

---

<sup>1</sup> Veja-se o caso do Sistema Eletrônico de Editoração de Revistas (SEER), do uso de softwares de editoração *online*.

pesquisa caminhou, primordialmente, nesta direção. Para tanto, recorreu-se aos princípios de análise foucaultianos, que vem sendo estudado em diversas pesquisas de várias Ciências, como uma possível ferramenta para profissionais que analisam documentos, como é o caso de bibliotecários.

O *corpus* escolhido como amostragem para este trabalho, deste modo, foi composto por materiais disponíveis na web, e teve como foco a história inusitada de que o integrante Paul McCartney teria morrido em um acidente de carro, em meados da década de 1960. A partir disso, teriam colocado um sócio no lugar de Paul e a banda teria deixado mensagens subliminares sobre o mistério de sua morte nas capas de discos dos Beatles.

Foram estudados também, aspectos do tratamento da informação, tendo em vista a análise, representação e recuperação de documentos, dando enfoque às novas ferramentas da web que auxiliam na divulgação de saberes e às práticas e padrões adotados a partir da web semântica.

A questão desta pesquisa que permeou este trabalho foi: - de que modo a teoria assentada na Arqueologia dos saberes de Michel Foucault pode auxiliar na análise e organização de documentos disponíveis na *web*? Em torno desta questão é que derivaram os objetivos, tanto o geral quanto os específicos da pesquisa.

O objetivo geral foi compreender aspectos sobre a teoria discursiva, como proposta por Michel Foucault, aplicando-a em textos da web, tendo em vista a necessidade da organização de acervos no campo da Ciência da Informação. Como amostragem, aplicamos alguns dos princípios deste teórico em um *corpus* de cunho artístico, e analisamos textos encontrados na web a partir do enunciado “morte de Paul McCartney”.

Para o alcance desta proposta, foram definidos os seguintes objetivos específicos:

- Estudar os conceitos foucaultianos sobre “Ciência e Saber”, “Comentário” e “Arquivo”;
- Discutir aspectos sobre o modo como vem sendo realizado o tratamento e organização da informação na web, visando compreender como os princípios de Michel Foucault podem colaborar neste universo da rede computacional;
- Aplicar os conceitos foucaultianos em materialidades relacionadas com o enunciado “morte de Paul McCartney”, no âmbito da web;
- Propor uma organização do arquivo formado por estes documentos, visando relações entre eles.

Justifica-se a mobilização dos conceitos “Ciência e Saber”, “Comentário” e “Arquivo” (FOUCAULT, 2010, 2011) da teoria arqueológica nesta pesquisa, pois, com eles foi possível “[...] distanciar-se de uma análise puramente epistemológica e considerar os *saberes* também produzidos sobre o tema.”

As análises feitas em textos científicos (tese, artigo científico, etc.), e não científicos (revistas, entrevistas, blogs), sobre o tema “Beatles” e, nele, o encontro do enunciado “Morte de Paul McCartney”, permitiram que fosse possível relacionar materiais bastante distintos.

Pudemos verificar, assim, como propõe Foucault (2010, p. 8), que “[...] nos rastros que os sujeitos deixaram, via documentos, ou, no tecido documental, há unidades, conjuntos, séries, relações”. Ou seja, os documentos, quando escritos, pintados, gravados, filmados, inseridos na web, “[...] não são estanques, tanto em interações internas como em relações entre os do mesmo gênero e, também em gêneros distintos”. (GASPAR; REIS, 2010). Portanto, com o estudo sobre documentos disponíveis na web, será possível pesquisar o enunciado “morte de Paul McCartney” com resultados vindos de diversas mídias, encontradas na forma de um arquivo multimídia.

Espera-se, assim, contribuir, dentre tantas outras pesquisas sobre o assunto, para estudos sobre como analisar diversos textos sob a ótica da Análise do Discurso de Michel Foucault, demonstrando perspectivas para estas análises no universo da web.

## 2 ASPECTOS SOBRE A TEORIA ARQUEOLÓGICA DE MICHEL FOUCAULT

Os princípios aos quais recorreremos para consolidar esta pesquisa, quais sejam: “Ciência e Saber”, “Comentário” e “Arquivo”, foram advindos da teoria arqueológica de Michel Foucault. Recorreu-se a teoria da Arqueologia dos Saberes (FOUCAULT, 2010), com o intuito de utilizar suas práticas de “escavações” de documentos, como proposto originalmente pelo teórico, tendo em vista o universo dos documentos disponíveis na web.

Em “A Arqueologia do Saber”<sup>2</sup>, Foucault (2010) oferece princípios de uma análise que se volta às produções de documentos da humanidade, de modo a “[...] reconstituir, a partir do que dizem estes documentos – às vezes com meias-palavras – o passado de onde emanam e que se dilui, agora, bem distante deles [...]” (FOUCAULT, 2010, p. 7).

Foucault (2010, p. 7), mostra que em sua teoria de análise é importante não interpretar os documentos, quando afirma que a teoria da arqueologia dos saberes:

[...] considera como sua tarefa primordial, não interpretá-lo, não determinar se diz a verdade nem qual é seu valor expressivo, mas sim trabalhá-lo no interior e elaborá-lo; ela quem [...] o organiza, recorta, distribui, ordena e reparte em níveis, estabelece séries, distingue o que é pertinente do que não é, identifica elementos, define unidades, descreve relações.

Foucault (2010) diz que o que caracteriza a unidade do discurso é o jogo de relações entre documentos e discursos, temas, teorias e conceitos:

É preciso estar pronto para acolher cada momento do discurso em sua irrupção de acontecimentos, nessa pontualidade em que aparece e nessa dispersão temporal que lhe permite ser repetido, sabido, esquecido, transformado, apagado até nos menores traços, escondido bem longe de todos os olhares, na poeira dos livros. Não é preciso remeter o discurso à longínqua presença da origem; é preciso tratá-lo no jogo de sua instância. (FOUCAULT, 2010, p. 28).

Para compreendermos o modo como Foucault propõe analisar os discursos, um dos princípios aos quais recorreremos foi o de “Ciência e Saber”. Para Foucault, os “saberes” são:

[...] esse conjunto de elementos, formados de maneira regular por uma prática discursiva e indispensáveis à constituição de uma ciência, apesar de não se destinarem necessariamente a lhe dar lugar [...]. Um saber é aquilo que podemos falar em uma prática discursiva que se encontra assim especificada: o domínio constituído pelos diferentes objetos que irão adquirir ou não um status científico [...]; um saber é, também, o espaço em que o sujeito pode tomar posição para falar dos objetos de que se ocupa em seu discurso [...]; finalmente, um saber se define por possibilidades de utilização e de apropriação oferecidas pelo discurso [...]. Há saberes que são independentes das ciências (que não são nem seu esboço histórico, nem o avesso vivido); mas não há saber sem uma prática discursiva definida, e toda

<sup>2</sup> FOUCAULT, M. **Arqueologia do saber**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.

prática discursiva pode definir-se pelo saber que ela forma. (FOUCAULT, 2010, p. 204).

Vemos então, que Foucault (2010) observa os “saberes” por meio das práticas discursivas, que são os meios pelos quais se pode enunciar, falando, escrevendo e, hoje em dia, postando em um blog, um site, um vídeo na *web*. Essas produções, materializadas no formato de documentos, de textos são, portanto considerados por ele, como as práticas que os “homens” – sujeitos -, tiveram para discursivizar sobre dado tema, em dada época, em dado local, etc.

Interessante observarmos, recorrendo-se a linguagem da Ciência da Informação, que hoje, na *web*, o que se dá a ver são múltiplas fontes de informação sobre dado tema, independente de serem documentos considerados científicos ou não, pois a *web* oferece desta forma estas fontes. Com isto queremos dizer que, embora Foucault não tenha previsto em sua proposta que as análises poderiam, um dia, ser realizadas na internet, pois o computador estava ainda em seus primórdios quando este teórico faleceu (1984), o que se observa hoje (2013), é que a *web* disponibiliza em suas práticas, fontes de informações diversas, facilmente encontradas, mas, ainda, espalhadas, necessitando, portanto, de organização.

Neste sentido, Barreto (2008, p. 3) parece apontar para a mesma dinâmica, considerando que a informação na *web* se dá a ver através de *práticas*, quando indica a necessidade de novos princípios e métodos de análise da mesma:

[...] formação inadequada de recursos humanos adequados para lidar com o volume de informação, o fraco instrumental de armazenamento e recuperação da informação existente, e o arcabouço teórico existente para a área que não explicava ou solucionava as práticas de informação.

Para Foucault (2010, p. 55), “[...] os discursos são feitos de práticas que formam sistematicamente os objetos de que falamos.” Deste modo, os acontecimentos históricos e a produção de documentos apresentados em materiais científicos e não científicos na *web*, colaboram para a formação de uma prática discursiva, pois, segundo o autor, “quando se descreve a formação dos objetos de um discurso, tenta-se identificar os relacionamentos que caracterizam uma prática discursiva.” (FOUCAULT, 2010, p. 54).

Além desta relação entre “documentos científicos e não científicos”, o segundo princípio foucaultiano ao qual recorreremos foi o de “comentário”.

Em sua definição sobre “comentário”, Foucault explana:

Por ora, gostaria de me limitar a indicar que, no que se chama globalmente um comentário, o desnível entre texto primeiro e texto segundo desempenha dois papéis que são solidários. Por um lado permite construir (e indefinidamente) novos discursos: o fato de o texto primeiro pairar acima,

sua permanência, seu estatuto de discurso sempre reatualizável, o sentido múltiplo ou oculto de que passa por ser detentor, a reticência e a riqueza essenciais que lhe atribuímos, tudo isso funda uma possibilidade aberta de falar. Mas, por outro lado, o comentário não tem outro papel, sejam quais forem as técnicas empregadas, senão o de dizer enfim o que estava articulado silenciosamente no texto primeiro. Deve, conforme um paradoxo que ele desloca sempre, mas ao qual não escapa nunca, dizer pela primeira vez aquilo que, entretanto, já havia sido dito e repetir incansavelmente aquilo que, no entanto, não havia jamais sido dito. A repetição indefinida dos comentários é trabalhada do interior pelo sonho de uma repetição disfarçada: em seu horizonte não há talvez nada além daquilo que já havia em seu ponto de partida, a simples recitação. O comentário conjura o acaso do discurso fazendo-lhe sua parte: permite-lhe dizer algo além do texto mesmo, mas com a condição de que o texto mesmo seja dito e de certo modo realizado. A multiplicidade aberta, o acaso são transferidos, pelo princípio do comentário, daquilo que arriscaria de ser dito, para o número, a forma, a máscara, a circunstância da repetição. O novo não está no que é dito, mas no acontecimento de sua volta. (FOUCAULT, 2011, p. 24).

Podemos verificar, assim, que uma característica do conceito sobre “comentário” em Foucault, é a de abrir a possibilidade para a construção de novos discursos sobre o tema. Mas, por outro lado, o comentário também desvenda o que, de algum modo, já vinha sendo dito em outros lugares. O comentário possibilita, assim, a gestação e geração de novos discursos.

Neste sentido observamos os comentários nas mais diversas produções que a web possibilita (texto, áudio, vídeos, etc.). Além disso, a partir dos discursos que irrompem, é possível relacioná-los com outros já existentes, e isto também pode ser verificado na forma de disseminação de informação na web, uma vez que os sites estão correlacionados através da rede de links.

Abrimos um parêntese para explicitar que, no caso do nosso corpus sobre a “morte de Paul McCartney” atentamos que, na década de 1960, os artistas “rebeldes” que faziam sucesso nas rádios com músicas do gênero *rock and roll* eram em sua maioria, americanos, como Jerry Lee Lewis, Little Richard e Chuck Berry. No entanto, foi na década de 1960 que os Beatles (jovens ingleses), influenciados por artistas americanos, passaram a ver nestas músicas uma forma mais criativa e inovadora para se expressar musicalmente. Foi nesse contexto que o rock inglês surgiu, tendo como responsáveis bandas como The Beatles e Rolling Stones (MUGGIATI, 1983). Foi quando surgiu o discurso primeiro, o comentário de que Paul McCartney teria morrido. Mas, foi quando também os Beatles estavam no auge de sua carreira e este texto primeiro, este comentário gerou outros textos, que hoje, analisando-os sob o viés de Foucault, compreende-se que o enunciado discursivo “morte de Paul McCartney”, surgiu nessa década e se instaurou, sendo discursivizado até hoje. Ou seja, um *acontecimento* que surgiu a partir de comentários e que formou (e continua formando) um conjunto, um

arquivo discursivo expressivo; como sugere Foucault (2010, p. 30): “trata-se de compreender o enunciado na estreiteza e singularidade de sua situação; de determinar as condições de sua existência [...]”.

No sentido exposto sobre o “comentário”, então, o tema de nossa pesquisa surgiu na década de 1960, mas foi se instaurando enunciativamente em textos, sob múltiplos olhares diferenciados, ou como Foucault (2011, p. 25) diz:

A repetição indefinida dos comentários é trabalhada do interior pelo sonho de uma repetição disfarçada: em seu horizonte não há talvez nada além daquilo que já havia em seu ponto de partida, a simples recitação.

Esta repetição passa a ser objeto de discursos de muitos sujeitos, e compuseram um “arquivo discursivo” sobre o tema em questão.

O enunciado primeiro foi se transformando em um “verdadeiro” *acontecimento* discursivo. Nesta repetição é que vão surgindo diversos documentos, às vezes, em épocas que se assemelham ao produzido inicialmente, às vezes não; às vezes, sob o ponto de vista do mesmo autor, outras não. Estes documentos, que integram um tema, quando vistos sob esta ótica teórica, vão se dando a ver pelo analista, como componentes de um “arquivo discursivo”.

Ao formarmos um arquivo discursivo sobre a “morte de Paul McCartney” estamos descrevendo, através de uma análise de suas materialidades, um acontecimento. Em Foucault (2010, p. 146), podemos verificar sua definição do conceito “Arquivo”<sup>3</sup>:

Ao invés de vermos alinharem-se, no grande livro mítico da história, palavras que traduzem, em caracteres visíveis, pensamentos constituídos antes e em outro lugar, temos na densidade das práticas discursivas sistemas que instauram os enunciados como acontecimentos (tendo suas condições e seu domínio de aparecimento) e coisas (compreendendo sua possibilidade e seu campo de utilização). São todos esses sistemas de enunciados (acontecimentos de um lado, coisas de outro) que proponho chamar de *arquivo*<sup>4</sup>.

Foucault propõe em sua teoria que é necessário “não mais tratar os discursos como conjunto de signos (elementos significantes que remetem a conteúdos ou a representações), mas como práticas [...] que formam sistematicamente os objetos [temas] de que tratam.” (FOUCAULT, 2010, p. 55).

A partir destas práticas discursivas, o arquivo pode ser formado na análise, como aponta Gaspar (2007, p. 61): “a análise de um objeto do discurso, dentre uma “pluralidade

<sup>3</sup> Recorremos ao conceito de “Arquivo” em Foucault (2010), que se diferencia da definição de *Arquivo* como “Conjunto de dados ou de instruções, armazenado em meio digital e identificado por nome.” (FERREIRA, 2004).

<sup>4</sup> Grifo do autor.

emaranhada” de objetos, é que faz aparecer uma prática discursiva que pode se sobressair em um conjunto de textos, originando um sistema de arquivo”.

A teoria da arqueologia dos saberes (FOUCAULT, 2010), assim, permite expandir e correlacionar documentos:

O documento, pois, não é mais, para a história, essa matéria inerte através da qual ela tenta reconstituir o que os homens fizeram ou disseram, o que é passado e o que deixa apenas rastros: ela procura definir, no próprio tecido documental, unidades, conjuntos, séries, relações. (FOUCAULT, 2010, p. 7).

No sentido de se encontrar no “tecido documental” unidades, conjuntos, relações, é que se percebe que é possível, relacionar documentos na web, uma vez que ela engloba os mais diversos textos, transformando-os em arquivos discursivos que permitem maior visão sobre determinado enunciado discursivo.

É preciso desligar a história da imagem com que ela se deleitou durante muito tempo e pela qual encontrava sua justificativa antropológica: a de uma memória milenar e coletiva que se servia de documentos materiais para reencontrar o frescor de suas lembranças; ela é o trabalho e a utilização de uma materialidade documental (livros, textos, narrações, registros, atas, edifícios, instituições, regulamentos, técnicas, objetos, costumes etc.) que apresenta sempre e em toda a parte, em qualquer sociedade, formas de permanências, quer espontâneas, quer organizadas. (FOUCAULT, 2010, p. 9).

Gama-Khalil (2010, p. 190), uma das estudiosas da teoria de Foucault no campo literário, enfatiza que os diversos saberes podem se manifestar de modo científico e não científico como no caso da literatura, uma área que gera documentos que contam, de uma maneira ou de outra, a história dos ditos dos homens, como afirma a autora: “a literatura funciona assim, não como uma negação da história, mas como uma revisão dela. [...] Nela não há verdade. Nos outros espaços, fora da literatura, também não há verdade – as verdades são construções históricas.” É importante enfatizar que, campos como o da Ciência da Informação ainda não consideram em seus acervos, a literatura como fonte de informação, mas sim, como uma classificação de determinados documentos derivados somente das diversas nacionalidades e gêneros variados, etc.

Argumentando sobre o método arqueológico, Machado (1982, p. 14), diz que “[...] uma característica fundamental da arqueologia é justamente a multiplicidade de suas definições; é a mobilidade de uma pesquisa que, não aceitando se fixar em cânones rígidos, é sempre instruída pelos documentos pesquisados.”

Machado (1982) lembra que Foucault, assim, ao criar um novo método de estudo, a “Arqueologia do saber”, propõe que o pesquisador se distancie de uma análise puramente epistemológica:

O documento não é o feliz instrumento de uma história que seria em si mesma, e de pleno direito, *memória*; a história é, para uma sociedade, uma certa maneira de dar *status* e elaboração à massa documental de que ela não se separa. (FOUCAULT, 2008, p. 9).

Foucault (2010) sugere, assim, diversos princípios para se analisar e descrever discursos, e recorreremos a esses três: “Ciência e Saber”, “Comentário” e “Arquivo”.

O que antevemos, por ora, é que na web, com suas páginas de sites e links, é possível a interação de assuntos com assuntos e destes com o leitor-usuário. É neste sentido que se percebe, ainda fragmentariamente, o que seria a descrição dos enunciados discursivos, como segue:

Descrever um conjunto de enunciados, não como a totalidade fechada e pletórica<sup>5</sup> de uma significação, mas como figura lacunar e retalhada; descrever um conjunto de enunciados, não em referência à interioridade de uma intenção, de um pensamento ou de um sujeito, mas segundo a dispersão de uma exterioridade; descrever um conjunto de enunciados para aí reencontrar não o momento ou a marca de origem, mas sim as formas específicas de um acúmulo, não é certamente revelar uma interpretação, descobrir um fundamento, liberar atos constituintes [...] é definir o tipo de positividade de um discurso. (FOUCAULT, 2010, p. 141).

O surgimento dos meios digitais e virtuais na web repercutiu em campos regidos pela tradição, como a Biblioteconomia, a Arquivologia e a Documentação, exigindo a reavaliação de critérios e parâmetros que sempre orientaram suas práticas, como atenta Furtado:

Estamos num campo de turbulência, em que a geração de publicações que explorem as capacidades específicas do universo digital, o crescimento exponencial da web e a vulgarização do trabalho em rede e em ambientes hipertextuais questionam algumas noções atribuíveis aos textos da cultura do impresso, como a sua fixidez, linearidade, sequencialidade, autoridade ou finitude, provocando transformações nas clássicas definições de autor, leitor e suas relações mútuas, bem como dando lugar a novas formas de ler e de escrever. (FURTADO, 2006, p. 30).

Se, por um lado, há “turbulências” no que diz respeito ao processo que envolve práticas impressas de autoria, mediação e leitura, por outro, esse processo envolve frontalmente o campo da Ciência da Informação e também suas práticas de leitura, análise de representação da informação. Neste sentido é que, Foucault (2008) indica saídas plausíveis de serem aplicadas.

<sup>5</sup> Superabundância, exuberância. Fonte: FERREIRA, A. B. H. **Novo dicionário Aurélio da língua portuguesa versão 5.0**. Coordenação e edição de Margarida dos Anjos; Marina Baird Ferreira. São Paulo: Editora Positivo, 2004. 1 CD-ROM.

Le Goff<sup>6</sup> (2005, p. 531), também chama a atenção para a necessidade de se evitar uma análise restritiva, que exclua alguns sujeitos em detrimento de outros, quando diz que:

[...] o interesse da memória coletiva e da história já não se cristaliza exclusivamente sobre os grandes homens, imponentes acontecimentos, a história que avança depressa, a história política, diplomática, militar. [...] a história interessa-se por todos os homens.

Foucault, assim, incita-nos a pensar na possibilidade do uso de seus princípios em documentos da web, permitindo ao analista se voltar aos textos científicos e também aos textos produzidos por sujeitos não científicos, quando propõe que se instaure,

[...] uma forma de reflexão, bastante afastada do cartesianismo e da análise kantiana, em que está em questão, pela primeira vez, o ser do homem, nessa dimensão segundo a qual o pensamento se dirige ao impensado e com ele se articula. (FOUCAULT, 1999, p. 448).

Gaspar (2007, p. 61), atenta para esta teoria, seguindo os princípios de Foucault, quando argumenta:

Desse modo, para que o analista possa observar e descrever como um objeto do discurso (percurso temático) se constitui nas formações discursivas, faz-se necessário estabelecer relações entre as superfícies nas quais ele possa aparecer. Ou seja, faz-se necessário observar e descrever o modo como um objeto foi representado nas superfícies dos textos e das obras, em diferentes momentos da história, procurando relacioná-los.

A partir dos princípios de análise sugeridos por Foucault (2010), antevemos também, algumas indagações que o autor já se fazia:

A constituição de uma obra completa ou de um *opus*<sup>7</sup> supõe um certo número de escolhas difíceis de serem justificadas ou mesmo formuladas: será que basta juntar aos textos publicados pelo autor os que ele planejava editar e que só permaneceram inacabados pelo fato de sua morte? Será preciso incluir, também, tudo que é rascunho, primeiro projeto, correções e rasuras dos livros? Será preciso reunir esboços abandonados? E que importância dar às cartas, às notas, às conversas relatadas, aos propósitos transcritos por seus ouvintes, enfim, a este imenso formigamento de vestígios verbais que um indivíduo deixa em torno de si, no momento de morrer, e que falamos, em um entrecruzamento indefinido, tantas linguagens diferentes? (FOUCAULT, 2010, p. 26).

Portanto, ao nos depararmos com documentos disponíveis na web podemos perceber o que aponta Gaspar e Reis (2010), quando dissertam sobre a possibilidade do enunciado se manifestar em vários suportes e gêneros, quando dizem que eles:

---

<sup>6</sup> Historiador e autor do livro *História e Memória*.

<sup>7</sup> Grifo do autor.

[...] não têm uma fronteira definida e um fim em si mesmos, sob o viés dessa teoria, pois eles estão imersos em um sistema que os remetem a outros textos, independentemente de seus suportes e de seus gêneros textuais.

Na busca por um tema que transparece os princípios de análise sugeridos por Foucault (2010, 2011) no âmbito de documentos na web, aliamos o interesse no tema The Beatles e o surgimento nele, de um dos enunciados polêmicos, que nos interessou: a “morte de Paul McCartney” para, assim, compor o *corpus* desta pesquisa.

A leitura e a análise das materialidades acerca deste enunciado se deram através do site de buscas na web, o *Google*. Foram analisadas as materialidades disponíveis na web sobre esse enunciado, a fim de se obter pela perspectiva teórica, o domínio dos textos não científicos sobre ele. Foram selecionadas, com base nas características das diversas materialidades, as de maior relevância e representatividade para também, compor o arquivo discursivo sobre “morte de Paul McCartney”. Portanto, a amostra coletada na web representa boa parte das materialidades sobre o enunciado, sem que fossem perdidas outras informações.

É possível, assim, que os procedimentos teóricos metodológicos por ele sugeridos, poderiam vir a ser aplicados também nos discursos da web, e esta a proposta desta pesquisa.

É possível destacar a importância de textos no âmbito não-científicos, cunhados pela história arqueológica, que considera a formação dos saberes a partir da “prática discursiva – saber – ciência”; (FOUCAULT, 2010, p. 23). Este tipo de materiais, não é considerado “validado” para ser analisado, ainda, pela Ciência institucionalizada contemporânea, que considera o eixo “consciência-conhecimento-ciência”. (FOUCAULT, 2010, p. 25). Para Foucault, é necessário olhar também para a produção dos saberes dos indivíduos, pois ele diz que:

[...] as ciências – pouco importa, no momento, a diferença entre os discursos que têm presunção ou status de cientificidade e os que apresentam realmente seus critérios formais – aparecem no elemento de uma formação discursiva, tendo o saber como fundo. (FOUCAULT, 2010, p. 206).

Discutiremos, a seguir, a respeito de como os documentos vem sendo disponibilizados aos leitores/ usuários no universo da web, dissertando sobre a disponibilização da informação e as formas de apresentações de resultados de busca em ferramentas da web. Ainda aí, avaliaremos como um arquivo discursivo, formado a partir dos princípios de análise de Foucault (2010) pode ser apresentado na web.

A seguir, pautando-se nas práticas e conceitos de análise da teoria de Michel Foucault e de sua conveniência no universo na organização na web, demonstraremos como fizemos a análise.

### **3 UM OLHAR PARA A ORGANIZAÇÃO DA INFORMAÇÃO NA WEB**

Neste capítulo buscaremos traçar alguns panoramas, para o tratamento da informação em bibliotecas virtuais e bases de dados online, como também, sobre novas ferramentas da web que auxiliam na divulgação da informação.

#### **3.1 Tratamento da informação: princípios, práticas, padrões e linguagens para construção de bibliotecas virtuais e bases de dados *online***

Neste tópico atentaremos aos princípios, práticas e padrões de representação da informação em linguagens computacionais para construção de bibliotecas virtuais, como também, para bases de dados *online*. Os esforços de áreas como a Ciência da Informação e a Ciência da Computação apontam para a uniformização na representação de dados, a fim de se obter bases de dados cada vez mais eficientes e que possibilitem a seus usuários, resultados de buscas maneira diversificada.

Neste sentido, acreditamos que alguns princípios, práticas, padrões e linguagens computacionais podem servir de modelo e estruturar os dados resultantes de análises feitas a partir da teoria de Foucault (2010), inserindo-o os resultados analíticos em modelos computacionais e, assim, proporcionando um ambiente na web, também para arquivos discursivos. Isto porque, ao realizarmos a transferência de dados dos resultados analíticos mediante a proposta foucaultiana para uma linguagem passível de leitura para o computador, serão necessários padrões computacionais para que estes dados possam ser processados e compartilhados.

Antes, porém, faz-se necessário compreender os métodos e padrões adotados por profissionais da informação, mais especificamente, aspectos sobre o “fazer” bibliotecário nos diversos centros de informação ao longo das práticas por ele adotadas, para se perceber as mudanças que vem passando este “fazer”, derivado, também das adequações que este profissional precisou realizar diante das novas fontes de informação que foram surgindo, como no caso da web. Isto porque, com advento de textos inseridos no ambiente web, a área de estudos da Ciência da Computação têm tido relações diretas com a forma como o bibliotecário tem tratado a informação.

O tratamento e métodos de organização da informação, deste modo, ocorrem desde as primeiras séries de documentos e da necessidade de seu armazenamento. As primeiras

coleções organizadas de documentos datam do terceiro milênio a.C. na biblioteca de Ebla, na Síria, época à qual também se data o início da escrita (ORTEGA, 2004). Segundo a autora,

A existência comprovada das primeiras coleções organizadas de documentos, ou o que se poderia chamar de primeira biblioteca primitiva, data do terceiro milênio a.C. Trata-se da Biblioteca de Ebla, na Síria, cuja coleção era composta de textos administrativos, literários e científicos, registrados em 15 mil tábuas de argila, as quais foram dispostas criteriosamente em estantes segundo o tema abordado, além de 15 tábuas pequenas com resumos do conteúdo de documentos (ORTEGA, 2004).

Até os dias atuais, as bibliotecas passaram por uma longa e complexa história de mudanças tecnológicas e, com isso, a evolução dos conceitos da Biblioteconomia também. Na história da organização da informação em bibliotecas no âmbito presencial, tivemos o auge da cultura helênica com objetivo de “guardar” o conhecimento humano registrado; as bibliotecas com acervo religioso da Idade Média; as bibliotecas de universidades da Europa do século XIII; o surgimento da imprensa como responsável pela produção de livros e pelo barateamento do custo por sua distribuição; e as bibliotecas públicas na Europa e nos Estados Unidos no século XVII (ORTEGA, 2004).

O nascimento, após a Segunda Guerra Mundial, da Ciência da Informação com o surgimento dos computadores e seus bancos de dados, influenciou o modo como a ciência e as técnicas relacionadas à organização da informação caminharam. Atualmente, temos o paradoxo entre a biblioteca tradicional, onde a maioria dos materiais é constituída de documentos em papel e a biblioteca digital/virtual, onde a informação é armazenada de forma eletrônica e disseminada independente de sua localização física ou temporal.

Segundo Shera e Cleveland (apud ROBREDO, 2003, p. 55), a

[...] Ciência da Informação é a que investiga as propriedades e o comportamento da informação, as forças que regem o fluxo da informação e os meios de processamento da informação para um máximo de acessibilidade e uso da informação. O processo inclui a origem, disseminação, coleta, organização, armazenamento, recuperação, interpretação e uso da informação.

Um dos conceitos básicos da Ciência da Informação, segundo Feitosa (2006), é o de documento:

Um documento é um objeto que fornece um dado ou uma informação e pode ser diferenciado entre outros documentos, de acordo com suas características físicas (por exemplo: material, natureza, tamanho, peso, forma de produção, suporte) ou intelectuais (por exemplo: objetivo, conteúdo, assunto, tipo de autor, fonte, forma de difusão, originalidade). (FEITOSA, 2006, p. 31).

A partir do conceito de “documento” apresentando por Feitosa (2006), apreendemos a abrangência do que significa estes materiais quanto às características “físicas ou intelectuais”,

e a atenção que um bibliotecário deve ter em relação a eles. Esta atenção aumenta ainda mais quando passado para o âmbito da web, uma vez que algumas características físicas do documento ditas por Feitosa (2006, p.31) como “[...] material, natureza, tamanho, peso, forma de produção [...]” não se encontram no ambiente da web, derivando disto a necessidade da padronização de dados computacionais e de uma representação do conteúdo de documentos da web ainda mais elaborada.

Cada documento recebe o *Tratamento da Informação*, visando sempre sua recuperação. O que convencionou-se chamar de *ciclo de operações documentais*, segundo Guimarães (2008, p. 79), se forma através de “[...] atividades de processamento, tanto sob a ótica do suporte material – tratamento descritivo - quanto do conteúdo – tratamento temático.”

Segundo Feitosa (2006, p. 18), esse tratamento “[...] relaciona-se a operações de seleção, avaliação, análise, tradução e recuperação de documentos capazes de responder a necessidades específicas, de acordo com o perfil do usuário e com seus objetivos”.

Para compreendermos o Tratamento da Informação é preciso distinguir duas das operações mais importantes: a *representação descritiva* e a *representação temática*. Elas são de extrema importância no Tratamento da Informação e tem ligação direta com a recuperação da mesma. Em unidades de informação, isso se dá quando individualizamos um documento no processo do Tratamento da Informação através de técnicas de sua descrição física e temática, a fim de organizá-la.

Quanto à representação descritiva, os documentos que dão suporte à descrição e às regras de catalogação são, por exemplo, o Código de Catalogação Anglo-Americano<sup>8</sup> e International Standard Bibliographic Description<sup>9</sup>. Segundo Ortega (2011, p. 45), a representação descritiva:

[...] refere-se aos aspectos da descrição formal dos documentos, o que inclui a descrição física e a descrição dos elementos para identificação dos mesmos; a atividade de representação descritiva é também chamada de catalogação (ou, mais especificamente, catalogação descritiva) em especial entre a comunidade de bibliotecas, e de descrição bibliográfica entre a comunidade dos serviços de informação científica.

Já a representação temática ou *Tratamento Temático da Informação* (TTI), segundo Barité (1999, p. 124), “tem por objeto os aspectos vinculados à análise, descrição e representação do conteúdo dos documentos, bem como suas inevitáveis interfaces com as teorias e sistemas de armazenamento e recuperação da informação”.

---

<sup>8</sup> AACR2.

<sup>9</sup> ISBD.

O TTI também tem normas estabelecidas de classificação, como indica Guimarães (2003, p. 107),

Esse movimento rumo à busca de metodologias de TTI centrou seus esforços, em um primeiro momento, nas questões de representação temática da informação, mais especificamente no desenvolvimento de instrumentos (linguagens) para o processo, principalmente os tesouros, quando foi possível realizar uma simbiose entre o acesso temático direto dos índices alfabéticos (gerados por meio de listas de cabeçalhos de assunto), com a estrutura hierárquica de conceitos dos catálogos sistemáticos (gerados a partir de sistemas de classificação), aumentando a flexibilidade no momento da representação e permitindo maior agilidade na incorporação de conceitos novos.

A identificação do assunto de um documento e o modo como ele deve ser representado, são aspectos da representação temática, com o uso de tabelas de classificação bibliográfica e indexação com o uso de tesouros, listas de cabeçalhos de assuntos e vocabulários controlados, como apontam Lima e Boccato (2006, p. 136):

A indexação é o processo de análise documentária que tem por finalidade identificar o assunto de que trata o documento e representá-lo através de descritores de uma linguagem documentária, de maneira a permitir a sua recuperação pelos usuários de um sistema de informação.

Considerando aspectos da organização da informação, o que vemos ao longo da história da Ciência da Informação é sua interdisciplinaridade com outras áreas do conhecimento e a crescente demanda de novas perspectivas e de métodos, Como aponta Kuramoto (2006, p.117) quando afirma que:

[...] o tratamento e a disseminação eficaz da informação tem se constituído em um dos grandes desafios do homem ao longo dos anos. Equipamentos, métodos, padrões, técnicas e teorias foram desenvolvidos com esse propósito.

Em centros de informação, independente da época, vemos que a **organização da informação** tem seu papel fundamental para a **recuperação da informação**. Este processo se dá através dos padrões de representação adotados, o que desempenha papel importante tanto na fase da indexação com a tradução através de termos associados a um documento, quanto no uso desses termos através da formulação de estratégia de busca pelo usuário, para a recuperação da informação.

Segundo Bräscher e Café (2008),

A organização da informação é, portanto, um processo que envolve a descrição física e de conteúdo dos objetos informacionais. O produto desse processo descritivo é a representação da informação, entendida como um conjunto de elementos descritivos que representam os atributos de um objeto informacional específico.

Assim, podemos verificar que a organização da informação contribui na eficiência de sua recuperação, uma vez que ao organizarmos itens de uma coleção, seja ela o acervo de uma biblioteca pública ou numa base de dados online, essa organização está diretamente relacionada à como será recuperada tal informação. Svenounius (2000, p. 11), neste sentido, afirma que “[...] o objetivo essencial e que define um sistema de organização da informação é o de agrupar informação semelhante e diferenciar aquela que não é exatamente semelhante.”

O que vemos então é a distinção física e de conteúdo sobre um determinado documento, que segundo Le Coadic (2004, p. 64), estes métodos

[...] visam a extrair do documento um conjunto de palavras que sirvam para representá-lo de forma condensada. Dois tipos de conjuntos podem ser obtidos: o primeiro remete à origem do documento e o segundo, ao seu conteúdo.

Recorrendo-se a padrões de representação de dados advindos da Ciência da Informação e da Ciência da Computação, podemos construir sistemas diferentes, mas que “conversam entre si”, vamos dizer assim por ora, permitindo interoperabilidade.

O que se compreende é que a Ciência da Informação e a Ciência da Computação estão buscando novas formas de descrição de dados e de estruturação de registros bibliográficos, já que o tratamento dado a materiais no âmbito de bibliotecas presenciais, embora bastante pertinente para tal finalidade, apresenta lacunas, se aplicado com os mesmos procedimentos, no ambiente da web.

Uma mudança significativa trazida pela adoção de tecnologias de informação e comunicação foi a modificação dos catálogos físicos em catálogo público de acesso online, também chamados OPACs (Online Public Access Catalogues), com a inserção dos operadores booleanos<sup>10</sup> e diferentes formas de apresentação dos registros bibliográficos.

Atualmente, com os diversos tipos de materiais disponíveis em unidades de informação e a demanda por maior precisão em buscas, foi criado um grupo de estudos da International Federation of Library Associations (IFLA), no qual foi desenvolvido um modelo conceitual do tipo entidade-relacionamento<sup>11</sup>, denominado *Functional Requirements for Bibliographic Records*<sup>12</sup> (FRBR),

<sup>10</sup> “A lógica booleana utilizada na maioria dos sistemas liga os termos e linguagens controladas e naturais. Os operadores lógicos e booleanos são E, OU, NAO. Com esses operadores, as estratégias de busca podem ser refinadas, utilizando-se mais do que um operador para se chegar a um resultado satisfatório.” (BERTHOLINO, 1999, p. 150).

<sup>11</sup> O modelo entidade-relacionamento é um conjunto de conceitos lógicos, advindos e aplicados pela Ciência da Computação, para a descrição de entidades, suas propriedades e o inter-relacionamento entre elas. Para isso, utilizam-se para representá-los notações e desenhos, a partir de um diagrama. O modelo entidade-relacionamento (MER) é uma representação da realidade e pode ser representado por entidades,

[...] configurando uma recomendação para **reestruturar** os registros bibliográficos de maneira a refletir a estrutura conceitual de **buscas** de informação, levando em conta a diversidade:

- usuários - usuários da biblioteca, pesquisadores, bibliotecários da seção de aquisição, publicadores, editores, vendedores;
- materiais - textuais, musicais, cartográficos, audiovisuais, gráficos e tridimensionais;
- suporte físico - papel, filme, fita magnética, meios óticos de armazenagem, etc. e,
- formatos - livros, folhas, discos, cassetes, cartuchos, etc. que o registro possa conter. (MORENO; ARELLANO 2005, p. 23).<sup>13</sup>

Como afirma Le Boeuf (2007), esse modelo:

[...] define um número de classes gerais (“entidades”<sup>14</sup>) de coisas que são julgadas relevantes no contexto específico de um catálogo de biblioteca, seguidas de características (“atributos”<sup>15</sup>) que pertencem a cada um dessas classes gerais, e os relacionamentos<sup>16</sup> que podem existir entre instâncias dessas várias classes.

O modelo conceitual utilizado para definir os FRBR, é um modelo do tipo entidade-relacionamento, ou seja, que identifica entidades e relacionamentos para a criação de um banco de dados<sup>17</sup>. Segundo Moreno e Arellano (2005, p. 26), o modelo do tipo entidade-relacionamento é:

[...] um modelo lógico com base em objetos, e a identificação de entidades e relacionamentos é entendida como a captura da semântica dos dados, para projetar um banco de dados. Este modelo não visa à implementação e sim à modelagem/representação dos dados. A partir desta modelagem, é possível implementar um banco de dados em outros modelos de dados: orientado a objeto, relacional, etc.

Os FRBR surgiram como mudança na apresentação deste modelo aplicado no desenvolvimento de catálogos de bases de dados pretendendo atender aos usuários, uma vez que é necessário conhecer o público a que se destina:

---

relacionamentos e atributos. Existem muitas notações para diagrama de entidades e relacionamentos. (HEUSER, 1998).

<sup>12</sup> De modo bastante abrangente os FRBR são um modelo lógico computacional para projetar (modelagem) bases de dados e para a inserção de dados de documentos em catálogos. Ele permite ações simples como fazer com que o usuário/leitor ao realizar uma busca, possa o encontrar através de características como autor, título e assunto e ações mais elaboradas como as relações entre dados de diversos itens, como por exemplo, encontrar todas as manifestações de uma obra (vídeo, livro, fotografia, pintura etc.).

<sup>13</sup> Grifo do autor.

<sup>14</sup> Uma “entidade”, em computação, representa um objeto do mundo real cujas características ou propriedades desejamos armazenar (Ex.: uma pessoa, um carro, um departamento, um projeto, um curso, entre outros).

<sup>15</sup> São as características do objeto que desejamos armazenar. Cada atributo de uma entidade possui um nome e um valor específico.

<sup>16</sup> É a associação entre entidades, a relação que existe entre uma entidade e outra.

<sup>17</sup> Um banco de dados ou base de dados (BD) é uma coleção de dados relacionados entre si. Por exemplo, uma coleção de todas as músicas dos Beatles formam um banco de dados, na linguagem computacional.

Quando implementado, o modelo traz alterações significativas na exibição dos resultados de uma consulta a um catálogo ou base de dados. Os resultados da consulta apresentam-se de maneira sensivelmente diferente da forma de apresentação atual, já que a adoção dos conceitos do modelo prevê uma descrição mais contida, arranjada de forma a relacionar sob uma única entrada (a obra, em geral pelo título), as diversas expressões (como as traduções), seguidas da descrição das manifestações (os suportes onde se encontram as expressões da obra) e, finalmente, indicando a localização do item. Deste modo, o usuário poderia conhecer as obras de determinado autor, por exemplo, incluindo todas as variações de língua ou formato e poderia “navegar” por obras e expressões relacionadas. (MORENO, 2009, p. 49).

Os FRBR ainda estão em fase de estudos e de compreensão por parte dos bibliotecários e são um modelo no nível conceitual, ou seja, ainda não são um modelo de dados estabelecidos. Segundo a IFLA (2003), os FRBR são:

[...] demasiado abstratos e genéricos para serem um modelo de dados: nenhuma base de dados prática poderia realmente ser desenvolvida exclusivamente baseados naquelas entidades, atributos e relacionamentos que são definidos nos FRBR.

No entanto, este tipo de modelo conceitual parece bastante promissor no que diz respeito, por exemplo, a servir de parâmetro na construção de uma base de dados online que disponibilize arquivos discursivos, já que possibilita a relação entre documentos distintos e que considera o leitor/usuário em sua construção. A utilização deste modelo computacional, assim, parece ser uma forma mais precisa, tendo em vista a utilização do vocabulário computacional e pode auxiliar designers de sistemas computacionais a compreender o universo da organização da informação, como também, apreender as necessidades dos leitores/usuários da web.

Além da modelagem e da estrutura computacional de bases de dados visando os arquivos discursivos, prevemos que, numa possível criação de bases de dados online, em que possa ser inserida a análise pelo viés da análise do discurso foucaultiano, haverá a necessidade da padronização de dados dos registros bibliográficos de cada documento da web. Como vimos anteriormente, a catalogação fornece uma descrição precisa do documento, identificando-o de forma única. No entanto, no ambiente da web, esta descrição ainda precisa ser mais específica e não ambígua.

Nesse sentido, influenciado pelo modelo conceitual FRBR, surgiu o *Resource Description and Access*<sup>18</sup> (RDA), uma proposta atual elaborada pela International Federation

---

<sup>18</sup> O RDA, em termos amplos, é um novo código para a descrição física (autor, título, edição etc.) de documentos.

of Libraries Associations (IFLA) de um novo código de catalogação, substituindo o AACR2<sup>19</sup>.

O RDA também contribui para o agrupamento de registros bibliográficos visando mostrar relações entre obras e seus criadores. Essa importante e nova característica torna os usuários mais conscientes das diferentes edições, traduções ou formatos físicos das obras – um significativo desenvolvimento. (JOINT STEERING COMMITTEE FOR DEVELOPMENT OF RDA, 2013).

O RDA direciona a catalogação, sendo um padrão para o conteúdo de dados em ambiente digital, cobrindo qualquer tipo de conteúdo ou mídia. Esse código se destaca por permitir a descrição tanto de recursos tradicionais quanto os não tradicionais, analógicos e digitais, dentro e fora da biblioteca, ou seja, tem um escopo mais abrangente, não se destinando apenas às bibliotecas. Para sua utilização, é necessário projetar catálogos tendo como base os FRBR. Segundo Tillett (2013, p. 142, tradução nossa):

Esse novo código de catalogação é uma grande mudança com perspectiva de tornar nossos dados bibliográficos e de autoridade mais útil em ambientes de dados ligados. Ao contrário dos códigos do passado, o RDA amarra a descrição e torna acessível ao usuário tarefas específicas e entidades que estamos descrevendo. O RDA nos permite identificar o recurso seja qual for o seu formato – livro, gravação de som, cinema, jogos, mapa, fotografia, arquivo de dados. Todos os recursos compartilham algumas informações básicas de identificação e nós podemos adicionar mais características de identificação e relacionamentos, conforme necessário.<sup>20</sup>

Identificamos, assim, que há processos de mudanças atuais tanto em catálogos de bibliotecas físicas quanto nas do ambiente da web. Deste modo, se as bibliotecas estão modificando seus padrões, vemos que também a web está sofrendo mudanças. Atualmente, a web semântica<sup>21</sup> tem tido destaque e parece ser a próxima geração da web, como afirma Feitosa (2006, p. 65):

[...] será possível a representação – de maneira compreensível para computadores – dos significados dos conteúdos da web; isso facilitará a implementação de novas aplicações e serviços inteligentes.

<sup>19</sup> Código de Catalogação Anglo-Americano.

<sup>20</sup> “This new cataloging code is a major shift in perspective to make our bibliographic and authority data more useful in today’s linked data environment and beyond. Unlike codes of the past, RDA ties the description and access to the user tasks and the specific entities that we are describing. RDA enables us to identify the resource no matter what its format – book, sound recording, score, motion picture, game, map, photograph, data file, whatever. All resources share some basic identifying information, and we can add more identifying characteristics and relationships as needed.” (TILLET, 2013, p. 142).

<sup>21</sup> A web semântica possibilita escrever, através de linguagem computacional, os conteúdos de páginas da web de maneira que máquinas possam entender os significados de palavras. Além disso, ela é apropriada na realização de buscas de maneira que leitores/usuários possam recorrer, por exemplo, a sinônimos para encontrar o mesmo documento. Por exemplo, se em uma busca na web semântica o leitor/usuário não recorrer, exatamente, às palavras “morte de Paul McCartney”, mas sim por sinônimos tais como “‘extermínio’ ou ‘lápide’ de Paul McCartney”, na web semântica seria possível encontrar os mesmos documentos.

Se o intuito desta pesquisa é transportar as análises discursivas para o ambiente web, permitindo maior interação com o leitor/usuário e também o compartilhamento de dados, principalmente no compartilhamento de análises discursivas derivadas de documentos artísticos culturais, é necessário ficar atento a essas mudanças. Feitosa (2006, p. 67) lista alguns benefícios da web semântica:

- se for corretamente desenvolvida a web semântica pode ajudar a evolução do conhecimento humano, facilitando a colaboração entre equipes de pesquisadores em localidades remotas;
- como os agentes melhorarão sua eficácia em razão dos conteúdos com significado semântico, as buscas serão mais precisas e retornarão melhores resultados, combinando informações em diferentes páginas;
- as escolas poderão integrar-se com sua comunidade: bibliotecas públicas, videotecas, museus, entre outras instituições.

Segundo Berners-Lee, Hendler e Lassila (2001), a web semântica “[...] não é uma web separada, mas uma extensão da atual, na qual a informação é dada com um significado bem definido, melhor habilitando computadores e pessoas a trabalharem em cooperação.”

Cunha e Cavalcanti (2008, p. 379), definem web semântica como:

Projeto do W3C<sup>22</sup> que estimula o intercâmbio eletrônico de conteúdos sem sentido ambíguo nas aplicações e domínios da Rede. O termo foi cunhado em 2001, por Tim Berners-Lee, um dos criadores do www, que imaginou o futuro da internet como uma rede de redes, uma base de dados global. Inclui três componentes básicos: a semântica (significado dos elementos), a estrutura (organização dos elementos) e a sintaxe (comunicação).

Atualmente, na web 2.0, existem links entre as páginas da web, mas ainda não existem links entre seus dados, pois eles ainda não estão padronizados, o que resulta na morte heterogeneidade de padrões e de dados. Segundo Shadbolt, Hall e Berners-Lee (2006, p. 96, tradução nossa),

A web semântica é a web de informação útil – informações derivadas de dados através da teoria semântica de interpretação de símbolos. A teoria semântica proporciona “significados” aos quais as conexões lógicas estabelecem a interoperabilidade entre sistemas.<sup>23</sup>

A web semântica, então, permite esta associação entre metadados, recorrendo a padrões, uso de vocabulário comum para definição de metadados, transformando, assim, a web em um banco de dados global (W3C, 2013). Segundo Ferneda (2012, p. 137):

<sup>22</sup> O Consórcio World Wide Web (W3C) é uma comunidade internacional que desenvolve padrões com o objetivo de garantir o crescimento da web. Missão do W3C: conduzir a Web ao seu potencial máximo. (W3C, 2013). Disponível em: <http://www.w3c.br/>.

<sup>23</sup> “The Semantic Web is a Web of actionable information – information derived from data through a semantic theory for interpreting the symbols. The semantic theory provides an account of ‘meaning’ in which the logical connection of terms establishes interoperability between systems.” (SHADBOLT; HALL; BERNERS-LEE, 2006).

Para a realização da web semântica são necessárias linguagens que permitam não apenas a definição de dados por meio de marcações, mas que possibilitem também descrever formalmente estruturas conceituais que possam ser utilizadas por agentes (robôs) de indexação dos mecanismos de busca.

Ao efetuarmos uma pesquisa em sites de busca como o Google, por exemplo, que opera principalmente em índices de palavras-chave, o que obtemos são páginas de resultados simples. Na web semântica, isso é diferente, como afirma Pollock (2010, p. 37), quando diz que:

[...] mecanismos de busca semântica tentam dar resultados mais inteligentes, procurando primeiro conceitos e, em seguida, tornando resultados mais navegáveis para pessoas que querem analisar os resultados de dados. Em geral, pesquisas semânticas tentam aumentar e melhorar buscas tradicionais alavancando dados formatados pela web semântica para adicionar mais significado à consulta de pesquisa e ao texto da web, a fim de aumentar a precisão dos resultados, bem como torná-lo mais fácil de navegar [...]

A seguir, no Quadro 1, apresentamos um resumo com as principais diferenças entre a Web 2.0 e a Web Semântica:

Quadro 1 – Principais características da Web 2.0 e da Web Semântica

<b>Web 2.0</b>	<b>Web Semântica</b>
Folksonomia;	Linguagem padrão controlada;
Palavras-chave: tags;	Vocabulários de metadados e Ontologias;
Problemas de sinonímia: palavras diferentes, significados iguais;	Semântica não ambígua;
Problemas com polissemia;	
Compartilhamento de informações por pessoas.	Compartilhamento de informações por pessoas e por máquinas.

Fonte: Elaborado pela autora.

Como vemos no Quadro 1, uma das características fundamentais da web semântica são as linguagens que proporcionam a padronização de dados que podem ser lidos, processados e compartilhados entre computadores. A seguir, o Quadro 2 apresenta as linguagens computacionais nos padrões da web semântica e suas funções:

Quadro 2 – Linguagens da web semântica e suas funções

<b>Linguagem</b>	<b>Função na web semântica</b>
XML	Fornecer sintaxe básica para a estruturação dos documentos; não há imposição de restrições semânticas.
XML Schema	Fornecer controle sintático à linguagem XML, por meio de restrições à estrutura, bem como da definição de tipos de dados para documentos XML.
RDF	Fornecer um modelo de dados para os objetos web e seus relacionamentos, propiciando uma semântica simples, com possibilidades de representação do próprio modelo em XML.
RDF Schema	Fornecer um vocabulário capaz de descrever objetos da web e suas relações hierárquicas de gênero-espécie.
DAML +OIL e OWL	Fornecer vocabulário adicional capaz de descrever outros tipos de relacionamentos entre os objetos da web, como relacionamentos de disjunção, cardinalidade, igualdade, enumeração; fornecem tipos de dados mais ricos que as linguagens anteriores.

Fonte: Feitosa (2006, p. 100).

Segundo Berners-Lee (2006) existe quatro princípios básicos para a publicação de dados abertos (*Linked Data*) na web. Ou seja, se uma biblioteca decide implementar um catálogo online seguindo padrões semânticos, ela precisará adequar a estrutura de seus dados.

Para exemplificar com o corpus da nossa pesquisa, segue abaixo os quatro princípios e o modo como os documentos seriam padronizados pela web semântica:

- *Uniform Resource Identifier (URI)*: o primeiro princípio diz respeito as URI, que são identificadores persistentes de recursos, e permitiria referenciar, por exemplo, um excerto da tese de doutorado da Maria Tereza Jorgens Bertoldi (2009) que trata sobre a “morte de Paul McCartney”, com a capa do disco *Abbey Road* dos Beatles (1969) e um registro de catálogo que disponibilizaria para empréstimo o livro *Turn me on, dead man: The Beatles and the ‘Paul is dead’ hoax*, do autor Andru J. Reeve (2004).
- *Hypertext Transfer Protocol (HTTP)*: o segundo princípio, diz que as URI devem utilizar o protocolo HTTP para sua localização. Segundo Bizer, Heath e Berners-Lee (2009, p. 3), “[...] o protocolo HTTP fornece um mecanismo simples e universal para recuperar recursos que podem ser serializados como um fluxo de bytes [...]”. Por exemplo, a imagem da capa dos Beatles do disco *Magical Mystery Tour* (1967) que pode ser acessada pela web, com o disco de vinil e a capa do mesmo.
- *Resource Description Framework (RDF)*: o terceiro princípio prevê que ao efetuar buscas, o usuário encontrará informações úteis representadas no formato RDF de

dados estruturados na web. Uma expressão RDF tem estrutura básica composta pela tripla: sujeito, predicado e objeto.

- *Links*: o quarto princípio sugere que a descrição deve incluir links para outras URI, o que permite que o usuário localize mais informações sobre o tema. Os links podem conectar não apenas documentos da web, mas qualquer recurso em diversos locais da web.

Com o advento da web semântica, o que se percebe é a preocupação da questão da interoperabilidade entre catálogos, bibliotecas virtuais e sites de busca, com a implantação de padrões e modelos de dados, visando uma linguagem comum, para que as informações disponíveis na web estejam organizadas e, também, que sejam processadas e entendidas por computadores.

Quanto ao uso de dados abertos interligados em bibliotecas, temos vários exemplos. A Biblioteca Europeia<sup>24</sup> desenvolvida pela União Europeia disponibiliza os mais variados documentos, em que podem ser feitos downloads, compartilhados, impressos e etc. Em seu site encontra-se o seguinte objetivo:

Explore milhões de itens de um vasto leque de importantes galerias, bibliotecas, arquivos e museus de toda a Europa. Livros e manuscritos, fotografias e pinturas, programas televisivos e filmes, escultura e artesanato, diários, mapas, partituras e registros musicais, está tudo aqui. Não é necessário viajar pelo continente, nem física, nem virtualmente! (EUROPEANA, 2013).

Outros exemplos de instituições que têm iniciativas com o uso de web semântica são Library of Congress<sup>25</sup> nos Estados Unidos, da British Library<sup>26</sup> na Inglaterra, a Biblioteca Nacional da Alemanha<sup>27</sup>, a Biblioteca do Centro George Pompidou<sup>28</sup> na França, e da Biblioteca Nacional na Espanha<sup>29</sup>.

Essas instituições estão preocupadas com a disponibilização e acesso a diversos conteúdos através da demanda dos usuários. Vemos então, que a preocupação dessas instituições é padronizar seus dados através de modelos semânticos e poder formar bibliotecas e arquivos virtuais multimídias e interativos.

O modelo conceitual FRBR, agregado ao código de catalogação RDA e os padrões de estrutura de dados computacionais propostos pela web semântica aparecem como

---

<sup>24</sup> <http://www.europeana.eu>

<sup>25</sup> <http://www.loc.gov/index.html>

<sup>26</sup> <http://www.bl.uk/>

<sup>27</sup> <http://www.dnb.de>

<sup>28</sup> <http://www.centrepompidou.fr/>

<sup>29</sup> <http://www.bne.es>

possibilidade de facilitar a interligação de dados e criar uma rede de dados que possibilita a inteligibilidade tanto de seus usuários quanto de computadores. No caso da análise de um arquivo discursivo tal como proposto por Foucault, parece-nos que o uso de recursos computacionais tal como está sendo feito pela da web semântica proporcionaria a integração de dados entre arquivos, bibliotecas físicas e digitais, museus e o próprio conteúdo disponível na web; ou seja, seria possível facilitar o uso das informações em ambientes virtuais, mas de um modo mais completo do que vem sendo feito atualmente.

Vimos então, até o momento, que uma das preocupações das áreas: Ciência da Informação e Ciência da Computação é a de padronizar dados, de maneira a criar ambientes online que permitam compartilhamento e integração destes dados. Isto instiga aos analistas/bibliotecários para que verifiquem as opções e adequações de usos de seus catálogos e bases de dados, de acordo com os tipos de padrões, uma vez que cada vez mais, o conteúdo acessado pelo leitor/usuário estará disponível na web.

A seguir, faremos um panorama das novas ferramentas da web.

### **3.2 Panorama sobre novas ferramentas da web que auxiliam na divulgação da informação**

Segundo Silva (2007) o *boom* informacional aconteceu no período Pós-Segunda Guerra Mundial (1945), quando os países desenvolvidos começaram a fazer grandes investimentos em tecnologias de informação e comunicação. Segundo Cendóm (2003), foi na década de 60, durante a Guerra Fria, que o Departamento de Defesa Norte-Americano iniciou a criação de uma rede experimental de computadores com o objetivo de aperfeiçoar as estratégias de guerra, a *Advanced Research Projects Agency Network* (ARPANET). Segundo Silva (2007),

O *boom* informacional provocado pelo desenvolvimento das novas tecnologias, principalmente a Internet, leva os profissionais de informação a se preocuparem com a qualidade da informação. Dentre as diversas questões que se apresentam, a discussão sobre o papel das fontes no processo de qualificação da informação merece especial atenção, pois elas são agentes ativos no enquadramento da realidade retratada na mídia.

A produção, disponibilização e o acesso às representações do conhecimento tornaram-se, na web, modos de operacionalização que oferecem possibilidades aos leitores/usuários diversas aprendizagens, além de que, ela facilitou e agilizou a comunicação no mundo todo.

No contexto contemporâneo, a internet possibilita a comunicação interativa, além de auxiliar na disseminação de conteúdos das mais diversas áreas e contribuir nas relações sociais e democratização da leitura, permitindo acesso a músicas, jogos, vídeos, livros etc. em meios eletrônicos e digitais. Deste modo, têm surgido na web, constantemente, ferramentas que auxiliam, tanto na disseminação da informação como na busca pela mesma. As ferramentas surgem a partir da chamada *Web 2.0*, e funcionam por meio da interação entre os usuários e a busca por conectar as pessoas proporcionando, assim, a comunicação entre elas.

Segundo Blattmann e Silva (2007, p. 197), o termo *Web 2.0* surgiu durante uma conferência promovida por empresas de mídia:

Na MediaLivre e O'Reilly Media, realizada em São Francisco em 2004 ([HTTP://web2con.com](http://web2con.com)), discutiu-se a ideia de a web ser mais dinâmica e interativa, de modo que os internautas podem colaborar com a criação de conteúdos. Assim começava a nascer a segunda geração de serviços *online* e o conceito da *Web 2.0*, surgindo um nível de interação em que as pessoas poderiam colaborar para a qualidade do conteúdo disponível, produzindo, classificando e reformulando o que já está disponível.

O termo *Web 2.0* para Maness (2006, tradução nossa),

[...] é utilizado e interpretado atualmente de maneira ampla, no entanto, *Web 2.0*, essencialmente, não é uma teia de publicação textual, mas uma rede de comunicação multi-sensorial. É uma matriz de diálogos, e não uma coleção de monólogos. É uma *web* centrada no usuário, de uma forma que não tem sido até agora.

A evolução da internet, aliada à *Web 2.0*, aprimorou o surgimento de ferramentas que permitem ao leitor/usuário a interação com outros leitores/usuários e com os conteúdos publicados.

A mudança está na horizontalização do processo de constituição da mídia que, ao contrário da chamada mídia de massa, distribuiu o poder de distribuição da mensagem [...] Essa revolução, que ensaia passos significativos com o surgimento dos blogs (e conseqüentemente popularização da produção e publicação de conteúdos na web, instituindo o que O'Reilly vai chamar de *Web 2.0*), vai atingir mais gente de forma mais rápida, com os sites de rede social (que vão publicizar as redes sociais e manter conexões que funcionam como canais de informação entre os autores) e com as apropriações desses sites. (RACUERO, 2011, p. 15).

Outro fator importante e que gerou mudança de comportamento do usuário da *web* foi a criação das chamadas “redes sociais”, pois também permitiram expansão na disseminação de diversos tipos de conteúdo. Segundo Marteleto (2001, p. 72), o termo “rede social” deriva do termo “rede”, que segundo a autora pode significar um “[...] sistema de nodos e elos; uma estrutura sem fronteiras; uma comunidade não geográfica; um sistema de apoio ou um sistema físico que se pareça com uma árvore ou uma rede”. Ainda, segundo a autora, “[...] rede social,

derivando deste conceito, para representar um conjunto de participantes autônomos, unindo ideias e recursos em torno de valores e interesses compartilhados.”<sup>30</sup>

As redes sociais da internet atualmente são utilizadas como fontes de informações de âmbito social, mas, também, cultural, político e econômico.

Redes sociais tornaram-se a nova mídia, em cima da qual a informação circula, é filtrada e repassada; conectada à conversação, onde é debatida, discutida e, assim, gera a possibilidade de novas formas de organização social baseadas em interesses das coletividades. (RACUERO, 2011, p. 15).

Deste modo, a identidade cultural na rede social é destacada por Tomaél, Alcara e Di Chiara (2005, p. 93):

[...] cada indivíduo tem sua função e identidade cultural. Sua relação com outros indivíduos vai formando um todo coeso que representa a rede. De acordo com a temática da organização da rede, é possível a formação de configurações diferenciadas e mutantes.

Percebe-se, nesta nova concepção de rede social, a estrutura não hierárquica que as redes permitem moldar através de seu modelo de colaboração e de compartilhamentos de informação, sendo isso uma característica importante advinda da *Web 2.0*, conforme destaca Martetelo (2001, p. 73):

[...] estudar a informação através das redes sociais significa considerar as relações de poder que advêm de uma organização não-hierárquica e espontânea e procurar entender até que ponto a dinâmica do conhecimento e da informação interfere nesse processo.

A *web 2.0* também permitiu a participação coletiva na geração de conteúdos, valorizando a inteligência e colaboração de cada um, em busca da construção de um conhecimento de forma coletiva. Segundo Blattmann e Silva (2007, p. 208),

[...] a internet cresceu de forma coletiva, devido ao uso de espaços coletivos de escrita hipertextual [...] a característica básica desses ambientes é que permitem pessoas colaborar para o enriquecimento do seu conteúdo por meio da participação coletiva.

A questão de autoria, que não será objeto de estudo aqui, também passou por mudanças na web. Os avanços tecnológicos e as recentes concepções quanto ao gerenciamento de informações por meio de ferramentas da internet têm causado uma mudança no paradigma do *autor*, graças ao surgimento de ferramentas simples de publicação de conteúdos na internet, como os *blogs*. Com isso, tornou-se possível, também, a *autoria coletiva*, de modo a envolver a construção de um texto ou documento disponível na internet por mais de uma pessoa, o que torna o processo de autoria constante e cíclico, pois à medida

---

<sup>30</sup> Ibid., p. 73.

que se retoma o texto surge modificações, a fim de melhorar o conhecimento ali representado. Neste tipo de autoria, os termos e condições de uso tendem a utilizarem, como forma de licença de uso do conteúdo por terceiros, o *Creative Commons* que “[...] é um novo sistema, construído com a lei atual de direitos autorais, que possibilita compartilhar criações com outros e utilizar música, filmes, imagens, e textos *online* que estejam marcados com uma licença Creative Commons”. (CREATIVE COMMONS, [2013]). De certa modo, essas ferramentas de publicação de conteúdos na internet têm conseguido, de maneira geral, preservar o direito autoral.

Esta visão de criação e atualização da informação pode ser verificada em sites da web, onde a criação, representação e a recuperação de informações no âmbito digital também se tornaram coletivas. Algumas das ferramentas identificadas na internet destacam-se por serem direcionadas à publicação e à disponibilização de conteúdos na web, como: *Twitter*, *Facebook*, *Pinterest*, *Bookess*, *Tumblr*, *Google+* entre outras. Nelas, os leitores/usuários podem fazer *downloads* de conteúdo, contribuir com o envio de documentos, artigos, publicações, projetos, notícias, eventos, fotografias, vídeos, etc., que queiram compartilhar.

Uma dessas ferramentas para organização do conteúdo na web, que recorre a linguagens naturais, é a folksonomia. Segundo Catarino e Baptista (2007, p. 2),

Dentre as diversas evoluções que estão ocorrendo, destaca-se o que pode ser considerado como um novo paradigma para a organização dos conteúdos dos recursos digitais na Web. A possibilidade de os próprios usuários participarem na organização desses conteúdos é, em especial, uma questão que vale ser pesquisada e implementada. Esta nova abordagem relativa à indexação dos recursos digitais da Web toma, genericamente, a designação de Folksonomia. Trata-se de um novo conceito que tem sido utilizado por diversos profissionais e estudiosos da área de informação. No entanto, parece não haver ainda um consenso na área, quer sobre a utilização deste termo, quer sobre o seu significado. Há os que preferem utilizar outros termos como, por exemplo, classificação social ou social tagging.

Ainda segundo Catarino e Baptista (2007, p. 04), o termo *folksonomia*

[...] é a tradução do termo *folksonomy* que é um neologismo criado em 2004 por Thomas Vander Wal, a partir da junção de *folk* (povo, pessoas) com *taxonomy* [...] folksonomia é o resultado da atribuição livre e pessoal de etiquetas (tagging) a informações ou objetos (qualquer coisa com URL), visando à sua recuperação. A atribuição de etiquetas é feita num ambiente social (compartilhado e aberto a outros).

A atribuição, pela folksonomia, de uma *tag*, no conteúdo desse tipo de ferramenta, não é feita nem pelo autor, nem por um profissional de indexação. Neste tipo de ferramenta o usuário pode estabelecer *tags*, o que permite uma indexação de conteúdos a partir da linguagem natural. “Os conteúdos são indexados livremente pelos usuários do recurso,

podendo representar assuntos ou quaisquer outros elementos de metadados tais como tipo ou formato” (CATARINO; BAPTISTA, 2007, p. 4). O uso de *tags* para classificar conteúdos em meio eletrônico é uma forma inovadora de classificação de conteúdos, que pode ser feita pelos próprios usuários, facilitando, assim, a organização do conteúdo.

Como se pode perceber, as ferramentas disponíveis hoje na internet se valem de várias características e atributos bastante interativos e permitem não só a disponibilização de conteúdos por usuários, mas também a disseminação da informação de uma maneira colaborativa e dinâmica.

Cada vez mais as pessoas recorrem a ferramentas de buscas disponíveis na web para diversas finalidades. Como afirma Tomaél et. al. (2001):

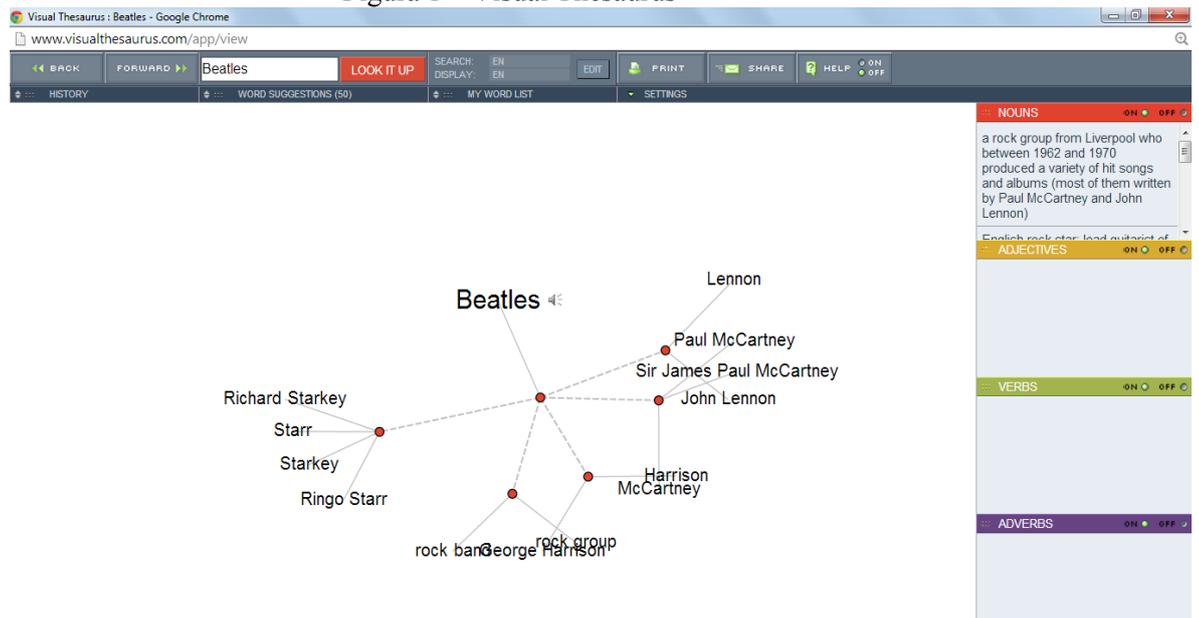
De fato, a Internet abriu um leque amplo na tipologia de fontes de informação, pois, além das convencionais, vão surgindo novas fontes até agora não caracterizadas e reconhecidas totalmente na literatura. Os próprios sites de busca (search engines), os repositórios de informação, os apontadores, as bibliotecas digitais e as virtuais, ainda carecem de estudo ou mesmo identificação pela Ciência da Informação.

Podemos ter experiências bastante ricas em termos de interatividade em sites disponíveis na web. Um exemplo é o *Visual Thesaurus*<sup>31</sup>, um tesouro com interface gráfica e visual que permite a apresentação de resultados com a visualização de mapas de relacionamentos entre termos. Neste site é possível criar mapas que representam os significados das palavras, em língua inglesa, e ele também identifica palavras relacionadas. Na Figura 1, a seguir, é possível observar que, ao se realizar uma busca com a palavra “Beatles”<sup>32</sup>, a ferramenta apresenta outras palavras que possuem relação com a pesquisada, aumentando a possibilidade de compreensão do significado da mesma pelo leitores/usuários, por meio das relações que o *Visual Thesaurus* estabelece.

---

<sup>31</sup> O Visual Thesaurus é um dicionário interativo que cria “mapas” como forma de apresentação de resultados e mostra as correlações entre outras palavras. (VISUAL THESAURUS, 2013). Segundo Moreira (2010), o Visual Thesaurus é um dicionário com interface similar à hiperbólica, um tipo de mapa conceitual. Disponível em: <http://www.visualthesaurus.com/>

<sup>32</sup> Tema desta pesquisa.

Figura 1 – Visual Thesaurus<sup>33</sup>

Fonte: (VISUAL THESAURUS, 2013).

Segundo Lévy (1993, p. 181), as interfaces hipertextuais atuam como:

[...] uma superfície de contato, de tradução, de articulação entre dois espaços, duas espécies, duas ordens de realidade diferentes: de um código para outro, do analógico para o digital, do mecânico para o humano.

Alguns sites permitem uma visualização de maneira diferente da de lista de resultados. O *Google*<sup>34</sup>, por exemplo, permite que os leitores/usuários vejam os resultados de suas buscas no *Painel do Conhecimento*. No *Painel do Conhecimento* há um resumo das informações sobre o termo pesquisado no buscador. Na Figura 2, a seguir, é possível notar que, ao realizarmos a busca pelo termo “Beatles”, além da tradicional lista de links, na parte direita da tela aparecem os resultados relacionados, como uma breve descrição da banda, início da carreira e cidade de origem.

<sup>33</sup> Todas as figuras apresentadas a seguir priorizam a visualização de seu conteúdo, portanto não há padronização de tamanho entre elas.

<sup>34</sup> O *Google* é uma plataforma com mecanismos de buscas por informações diversas como mapas, conteúdo acadêmico, imagens, vídeos etc. e serviços como o de email, editor de texto etc. (GOOGLE, 2013). Disponível em: [www.google.com.br/](http://www.google.com.br/).

Figura 2 – Google

The image shows a Google search interface for the query "Beatles". At the top, the Google logo is on the left, the search bar contains "Beatles", and there are icons for voice search and a magnifying glass. To the right of the search bar are a grid icon and a "Fazer login" button. Below the search bar, navigation tabs include "Web", "Imagens", "Mapas", "Shopping", "Videos", "Noticias", "Mais", and "Ferramentas de pesquisa". A settings gear icon is on the far right.

The search results section shows "Aproximadamente 163.000.000 resultados (0,20 segundos)". The first result is "The Beatles" from [www.thebeatles.com/](http://www.thebeatles.com/), with a sub-link "Traduzir esta página". The description says: "Detailed history with information on their music, movies, news, and latest projects. Images, related links, and a showcase for their albums." The second result is "The Beatles – Wikipédia, a enciclopédia livre" from [pt.wikipedia.org/wiki/The\\_Beatles](http://pt.wikipedia.org/wiki/The_Beatles). The description says: "The Beatles foi uma banda de rock britânica, formada em Liverpool em 1960. É o grupo musical mais bem-sucedido e aclamado da história da música popular. John Lennon - George Harrison - Ringo Starr - Paul McCartney". The third result is "The Beatles - VAGALUME" from [www.vagalume.com.br/the-beatles/](http://www.vagalume.com.br/the-beatles/). The description says: "Ouça músicas de Beatles como 'Hey Jude', 'Help!', 'Let It Be', 'Don't Let Me Down', 'Yesterday', 'In My Life' e todas as outras músicas." Below this are three song entries: "7:20 Hey Jude Past Masters - Vol. 2", "2:21 Help! Help!", and "4:03 Let It Be Let It Be". A fourth entry "3:36 Don't Let Me Down Past Masters - Vol. 2" is partially visible.

On the right side, there is a knowledge panel for "The Beatles". It features the text "THE BEATLES" in large letters, a small image of the band walking, and a larger image of the band members with the text "Mais imagens". Below the images, the text reads: "The Beatles" followed by "The Beatles foi uma banda de rock britânica, formada em Liverpool em 1960. É o grupo musical mais bem-sucedido e aclamado da história da música popular. Wikipédia". At the bottom of the panel, it says "Início da carreira: Liverpool, Reino Unido".

Fonte: (GOOGLE, 2013).

Observamos, também, este tipo de apresentação de resultados em outros sites, como o *Freebase*<sup>35</sup>, em que é possível pesquisar sobre diversos assuntos. O *Freebase* é base de dados aberta com padrões semânticos, que tem por objetivo ser um grande repositório de conhecimento humano, onde as pessoas criam dados e conectam esses dados entre si, classificando-os por temas e sessões. Na Figura 3, a seguir, verificamos a forma de apresentação do resultado da busca, por exemplo, pelo assunto “The Beatles”.

<sup>35</sup> O Freebase é uma base de dados disponível na web que oferece mais de 37 milhões de tópicos de assuntos diversos, que em seu resultado de busca mostra as correlações entre eles (FREEBASE, 2013). Disponível em: <http://www.freebase.com/>

Figura 3 – Freebase

**Freebase** Find... Browse Query Help Sign In or Sign Up English ▾

**The Beatles** <sup>en</sup>  
 mid: /m/07c0j notable type: [music/musical\\_group](#) on the web: [wikipedia.org](#) - Created by [amanshalya](#) on 6/19/2009

The Beatles were an English rock band formed in Liverpool in 1960. Their best-known lineup, consisting of John Lennon, Paul McCartney, George Harrison, and Ringo Starr, became considered by many as the greatest and most influential act of the rock era. Rooted in skiffle and 1950s rock and roll, the Beatles later utilized several genres, ranging from pop ballads to psychedelic rock, often incorporating classical elements in innovative ways. In the early 1960s, their enormous popularity first emerged as "Beatlemania", but as their songwriting grew in sophistication, they came to be perceived by fans and cultural observers as an embodiment of the ideals shared by the era's sociocultural revolutions. Starting in 1960, the Beatles built their reputation playing clubs in Liverpool and Hamburg over a three-year period. Manager Brian Epstein moulded them into a professional act and producer George Martin enhanced their musical potential. They gained popularity in the United Kingdom after their first modest hit, "Love Me Do", in late 1962. They acquired the nickname the "Fab Four" as Beatlemania grew in Britain over the following year, and by early 1964 they had become international stars, leading the "British Invasion" of the United States pop market. From 1965 on, the Beatles produced what many critics consider their finest material, including the innovative and widely influential albums Rubber Soul, Revolver, Sgt. Pepper's Lonely Hearts Club Band, The Beatles, and Abbey Road. After their break-up in 1970, they each enjoyed successful musical careers. Lennon was shot and killed in December 1980, and Harrison died of lung cancer in November 2001. McCartney and Starr remain musically active. [Wikipedia](#) [...]

**Properties** I18n Keys Links

View and edit specific domains, types, or properties...

Filter options:  Show all domains and properties

**Common** (common) [Freebase Commons](#)

**Topic** (common/topic)

**Also known as** (common/topic/alias)

The Fab Four  
 Beetles  
 Beatles  
 the beatles  
 Sgt. Pepper's Lonely Hearts Club Band  
 披頭四  
 金羅利團  
 21 values total

**Description** (common/topic/description)

The Beatles were an English rock band formed in Liverpool in 1960. Their best-known lineup, consisting of John Lennon, Paul McCartney, George Harrison, and Ringo Starr, became considered by many as the greatest and most influential act of the rock era. Rooted in skiffle and 1950s rock and roll, the Beatles later utilized several genres, ranging from pop ballads to psychedelic rock, often incorporating classical elements in innovative ways. In the early 1960s, their enormous popularity first emerged as "Beatlemania", but as their songwriting grew in sophistication, they came to be perceived by fans and cultural observers as an embodiment of the ideals shared by the era's sociocultural revolutions. Starting in 1960, the Beatles built their reputation playing clubs in Liverpool and Hamburg over a three-year period. Manager Brian Epstein moulded them into a professional act and producer George Martin enhanced their musical potential. They gained popularity in the United Kingdom after their first modest hit, "Love Me Do", in late 1962. They acquired the nickname the "Fab Four" as Beatlemania grew in Britain over the following year, and by early 1964 they had become international stars, leading the "British Invasion" of the United States pop market. From 1965 on, the Beatles produced what many critics consider their finest material, including the innovative and widely influential albums Rubber Soul, Revolver, Sgt. Pepper's Lonely Hearts Club Band, The Beatles, and Abbey Road. After their break-up in 1970, they each enjoyed successful musical careers. Lennon was shot and killed in December 1980, and Harrison died of lung cancer in November 2001. McCartney and Starr remain musically active. [Wikipedia](#)

40 values total

**Image** (common/topic/image)

**Image**

**Official website** (common/topic/official\_website) ✓ 2013-10-16

<http://www.thebeatles.com/>

**Topic equivalent webpage** (common/topic/topic\_equivalent\_webpage)

**Topic equivalent webpage**

<http://www.isfdb.org/cgi-bin/lea.cgi?28476>  
<http://it.wikipedia.org/wiki/index.html?curid=1869892>  
<http://de.wikipedia.org/wiki/index.html?curid=11891>  
<http://bg.wikipedia.org/wiki/index.html?curid=22760>  
<http://pt.wikipedia.org/wiki/index.html?curid=9916>  
<http://ru.wikipedia.org/wiki/index.html?curid=2571>  
<http://ja.wikipedia.org/wiki/index.html?curid=1240557>  
<http://fr.wikipedia.org/wiki/index.html?curid=706379>  
[http://de.wikipedia.org/wiki/The\\_Beatles](http://de.wikipedia.org/wiki/The_Beatles)  
<http://bg.wikipedia.org/wiki/Гръбниц>

101 values total

**Social media presence** (common/topic/social\_media\_presence)

**Social media presence**

<http://twitter.com/thebeatles>  
<http://www.facebook.com/Beatles>  
<http://plus.google.com/111520018934389590684>  
<http://www.facebook.com/thebeatles>  
<http://www.last.fm/music/The+Beatles>  
<https://plus.google.com/111520018934389590684>  
<http://my.mail.ru/community/beatles-gold-kr131D0B9D7266564.html>

**Topical webpage** (common/topic/topical\_webpage)

**Topical webpage**

[http://musicmoz.org/Bands\\_and\\_Artists/B/Beatles\\_The/](http://musicmoz.org/Bands_and_Artists/B/Beatles_The/)  
<http://www.discogs.com/artist/Beatles,+The>  
<http://www.beatles.com/>  
[http://topics.nytimes.com/top/reference/timestopics/organizations/b/beatles\\_the/index.html](http://topics.nytimes.com/top/reference/timestopics/organizations/b/beatles_the/index.html)  
<http://www.devotedpics.com/gallery/the-beatles-pictures/>  
<http://decoda.com/the-beatles-lyrics>  
<http://www.britishbeatlesfanclub.co.uk/>  
[http://lyrics.wikia.com/The\\_Beatles](http://lyrics.wikia.com/The_Beatles)  
<http://www.abouththebeatles.com/>  
<http://www.beatlesfanclub.nl/>

11 values total

**Subjects** (common/topic/subjects)

**Subject of** (common/topic/subject\_of)

**Properties** (common/topic/properties)

**Webink** (common/topic/webink)

**Web Link(s)** (deprecated) (common/topic/webpage)

**Notable for** (common/topic/notable\_for)

Pop rock

**Notable types** (common/topic/notable\_types)

Musical Group

**Types:**

- Common
  - Topic
- Film
  - Film music contributor
  - Film subject
  - Person or entity appearing in film
- Music
  - Musical Artist
  - Musical Group
- Books
  - Literature Subject
- TV
  - TV program guest
- Broadcast
  - Broadcast Artist
- Video Games
  - Video Game Subject
- Internet
  - Social network user
- Organization
  - Organization founder
- Media
  - Author
- Awards
  - Award Nominee
  - Award Winner
  - Hall of fame inductee
- Influence
  - Influence Node
- Symbols
  - Name source

Fonte: (FREEBASE, 2013).

No *Freebase*, há também o aproveitamento da inteligência coletiva, uma característica importante da web 2.0, que permite que qualquer leitor/usuário, que até então não possuía conhecimentos necessários para publicar conteúdos na Internet pela ausência de ferramentas de uso simplificado, publique conteúdos de forma colaborativa com outros leitores/usuários, sobre determinados assuntos de interesses comuns a ambos.

Outro exemplo de apresentação de resultados em sites de conteúdo específico é o *Music Maze*, que permite pesquisar sobre diversos artistas da música mundial e, é possível observar através de sua forma de apresentação do resultado, as influências e as relações entre artistas. Na Figura 4, abaixo, a pesquisa por “Beatles” mostra as bandas relacionadas com os Beatles e, ao selecionar uma delas, “The Kinks”, por exemplo, o site permite ouvir músicas e visualizar a imagem da capa do disco da banda.

Figura 4 – Music Maze

The screenshot shows the Music Maze website interface. At the top, there is a navigation bar with the 'musicmaze' logo, 'rdio' branding, and a search bar containing the text 'history'. Below the navigation bar, a search bar contains the text 'beatles'. To the left of the search results, there is a music player interface for 'Sleepwalker' by 'The Kinks', featuring a play button, a progress bar at 00:00, and a 'Radio' checkbox. The main content area displays a network diagram with 'The Beatles' at the center. Lines radiate from 'The Beatles' to a list of related artists: 'The Who', 'Small Faces', 'The Troggs', 'The Yardbirds', 'The Move', 'The Rolling Stones', 'The Kinks', 'The Hollies', 'The Zombies', 'The Animals', 'The Monkees', and 'George Harrison'. The 'The Kinks' node is highlighted with a blue border.

Fonte: (MUSIC MAZE, 2013).

É possível observar, portanto, que em um sistema de apresentação da informação na web com os formatos apresentados, os temas buscados não existem isoladamente, ou seja, cada tema existe em função de outro que o condiciona, formando relações entre temas, como afirma Moreira (2010) a seguir, ao apontar para as linguagens documentárias, exemplificando os modelos de representação da informação em forma de tesouros:

Uma linguagem documentária, como o tesouro, permite representar, para fins documentários, a informação registrada. Para isso é necessário estruturar

um sistema conceitual de relações que permita delimitar o universo de interpretação dos signos documentários. Neste sistema os conceitos não existem isoladamente, mas coexistem e condicionam sua compreensão ao tipo de relacionamento que estabelecem com outros conceitos. (MOREIRA 2010, p. 22).

Podemos considerar, então, que a representação da informação na web não pode ocorrer de modo isolado, mas sim, de forma a se formar redes de informações e de colaboração entre leitores/usuários. Nesta direção, Pereira e Cruz (2010, p. 20) afirmam que:

[...] a web hoje, permite o uso de linguagens mais flexíveis e de padrões cada vez mais aceitos de representação da informação. Isso a transforma em uma rede de conhecimento, e não apenas em um espaço onde coabitam dados sem conexão.

Estas ponderações, dentre tantas outras, tornaram-se pertinentes de serem pensadas, tendo em vista o trabalho que realiza um analista da informação, particularmente os que atuam nas bibliotecas digitais. É visível que há um esforço, tanto no sentido de sinalizar aspectos do conteúdo de um texto para os leitores, transformando-os em conteúdos informativos, quanto o trabalho de inserção deste conteúdo informativo inserindo-o na criação e adaptação do mesmo em bases de dados informatizadas, para serem disponibilizadas aos leitores/usuários da web. Contudo, as práticas teórico-metodológicas e aplicativas empreendidas neste campo digital, no que diz respeito à análise de textos, muitas vezes, permanecem a mesma das oriundas das análises de textos mundo presencial.

Na web contemporânea, em seus desafios quanto ao tratamento informacional, houve uma preocupação com mudanças tecnológicas a fim de aprimorar o conhecimento e a informação sobre questões de interesses pessoais, além de também ter sido alterada a forma de representá-los. Lévy (1996, p. 58) aborda a relação entre informação e conhecimento como ato de criação, e que podemos verificar nas características dos sites atuais:

Quando utilizo a informação, ou seja, quando a interpreto, ligo-a a outras informações para fazer sentido, ou, quando me sirvo dela para tomar uma decisão, atualizo-a. Efetuo, portanto um ato criativo, produtivo. O conhecimento, por sua vez, é o fruto de uma aprendizagem, ou seja, o resultado de uma virtualização da experiência imediata. Em sentido inverso, esse conhecimento pode ser aplicado, ou melhor, ser atualizado em situações diferentes daquelas da aprendizagem inicial. Toda aplicação efetiva de um saber é uma resolução inventiva de um problema, uma pequena criação.

Este aprimoramento ocorre, dentre outros espaços, também, no da biblioteca. A biblioteca, assim, não é somente um espaço de pesquisa, mas também de preservação do conhecimento representado. Umberto Eco lembra essa função, da biblioteca, quando diz que:

As bibliotecas, ao longo dos séculos, têm sido o meio mais importante de conservar nosso saber coletivo. Elas foram e ainda são uma espécie de

cérebro universal onde podemos reaver o que esquecemos e o que ainda não sabemos. Livros pertencem a essa classe de instrumentos que, uma vez inventados, não foram aprimorados porque já estão bons o bastante como o martelo, a faca, a colher ou a tesoura. (ECO, 2003, p. 6).

Deste modo, novas ferramentas têm surgido que auxiliam a divulgação de saberes, via web. Neste sentido, o posicionamento de Castro e Santos (2009, p. 6) tornam-se, o mesmo modo, relevante:

Atualmente, vivencia-se uma mudança de paradigmas, e novos horizontes se abrem à representação descritiva, bem como novas tendências e novos olhares para os registros bibliográficos no século XXI, principalmente no contexto digital, em que novos formatos para a descrição dos recursos informacionais tornam-se imprescindíveis, destacando-se, nessa esfera, o papel dos metadados.

Por outro lado, uma das áreas da Ciência da Informação, que trata da análise e divulgação de textos, transformando-os em informação, firma-se dentro deste campo do conhecimento. Essa área, que se preocupa com o modo como os leitores/usuários encontram a informação que buscam, que se preocupa em transformar o conteúdo dos textos sinalizando-os em palavras, temas e termos, e propicia que os leitores, no dizer da área, recuperem a informação, tornou-se uma das centrais no terreno da Ciência da Informação, que é a área de Análise e Representação da Informação.

Se, a Ciência da Informação, portanto, se preocupa com o processo de mediar o conteúdo do texto (em qualquer formato, gênero, materialidade), transformá-lo em informação e divulgar ao leitor, isto se tornou um desafio para os profissionais da área em questão. Percebe-se os resultados deste trabalho de um bibliotecário e analista da informação, quando se acessa a base de dados de uma biblioteca.

Abreu e Monteiro (2010) sinalizam para este problema:

A partir da virtualização dos recursos informacionais, verifica-se uma multiplicidade de signos e de linguagens no ciberespaço, bem como a automação do tratamento da informação apresenta diferentes paradigmas na organização dos estoques informacionais. Entende-se, nesse contexto, os mecanismos de busca como uma forma de organização desses conteúdos no ciberespaço que, a exemplo da multiplicidade semiótica nesse ambiente, também vêm se diversificando e apresentando-se sob o paradigma das matrizes linguagem-pensamento. (ABREU; MONTEIRO, 2010, p. 9).

Problemas com o tratamento e disseminação da informação, refletem em diversos seguimentos da sociedade que necessitam da pesquisa informacional para produzirem resultados, como no caso de pesquisadores. Além disto, a Ciência precisa do retorno da sociedade para o decorrer da pesquisa e disponibilização de seus resultados.

Bonilla (2005, p. 36) também atenta para o fato de novos horizontes para a chamada *Sociedade da Informação*, no que diz respeito às oportunidades oferecidas pela comunicação e divulgação científica via web: “[...] podemos esperar que, em geral, a voz dos cidadãos serão melhor representados em tais litígios através das oportunidades oferecidas pela internet.”

É neste sentido, que visualizamos possibilidades de outras propostas teórico-metodológicas e outros modos de operacionalização de disseminação do conteúdo na web, visando o aprimoramento das buscas pelos leitores/usuários em rede.

No campo da Ciência da Informação, pesquisas sobre a aplicabilidade teórica em torno de Michel Foucault, vêm sendo feitas por: Gaspar e Romão (2008); Ferraz, Canato e Gaspar (2011); Gaspar e Andretta (2011); Gaspar, Gigante e Schutzer (2011); Gaspar e Malvestio (2011); Gaspar e Oliveira (2012); Santos e Gaspar (2012); entre outros. Somando-se a estas vozes, tendo-se em vista a perspectiva da rede de conhecimento interativo, e observando-se outros modos possíveis de representação e análise da informação na web, é que esta pesquisa também se ampara.

Partindo-se, assim, de alguns pressupostos de Foucault (2008), pode-se apreender que nos “rastros” que os homens deixaram, via documentos, ou, no “tecido documental”, há unidades, conjuntos, séries, relações. Ou seja, os documentos, quando escritos, pintados, gravados, filmados, inseridos na web, não são estanques. Parece-nos que isso é um dos aspectos importantes da teoria do discurso a ser considerado na organização e recuperação da informação da web atual, uma vez que, segundo ainda Foucault, “a massa documental”, sob o olhar do analista do discurso, é constituinte da história dos homens. É por esses documentos que os homens se dão a ver, tanto no seu passado, quanto no presente e isto faz parte da Ciência contemporânea.

Como então, diante desta “massa documental” que a web proporciona, pode-se pensar em aspectos sobre organizar a informação, segundo a proposta de Michel Foucault, de maneira a se disponibilizar a busca e os resultados ao leitor/usuário?

Esta questão, complexa e que propiciaria pesquisas de tantos autores que vem se debruçando sobre ela, de maneira alguma se esgota nesta pesquisa. Ao contrário, pois o que se pretende aqui é demonstrar alguns resultados, em torno de um tema “Beatles”, e de um enunciado discursivo encontrado nele: a “morte de Paul McCartney”, mediante a aplicação dos conceitos foucaultianos, como explicitado acima. Contudo, o modo como encontrar os enunciados, as formações discursivas e a constituição da formação do arquivo discursivo, temas centrais no desenvolvimento das pesquisas de Foucault (2008), no que diz respeito ao

“método” arqueológico para se analisar discursos, não será aqui explicitada, por não ser o objeto desta pesquisa.

Visando a formação de um arquivo discursivo na web sobre o tema a “morte de Paul McCartney”, a seguir, apresentaremos a análise discursiva dos documentos. Ao realizarmos a busca no site Google sobre este tema foi possível perceber que os resultados apontaram, quase que em sua maioria, para as capas de discos dos Beatles, e segundo os textos, o que se mostrou foram mensagens subliminares a respeito desta lenda. Além disto, foi possível encontrar vídeos de apresentadores de TV comentando sobre o caso e um vídeo do próprio Paul McCartney falando a respeito do assunto. Foram encontrados, ainda, livros sobre as “pistas” deixadas em letras de músicas e nas imagens das capas dos discos, um artigo científico, uma tese de doutorado que cita o mistério em torno da “suposta” morte do integrante dos Beatles e, imagens diversas, que remetem as fotografias que compunham as capas de discos dos Beatles de modo “paródico”. Todos os documentos foram encontrados de forma dispersa na web e a partir da análise discursiva, foi possível agrupá-los e relacioná-los.

O modo como estes textos foram analisados, será explicitado no próximo capítulo.

#### 4 ANÁLISE DISCURSIVA NOS MOLDES FOUCAULTIANOS SOBRE O TEMA “MORTE DE PAUL MCCARTNEY”

A história de “The Beatles”<sup>36</sup> começa em Liverpool, Inglaterra, em meados de 1962, quando John Winston Lennon, James Paul McCartney, George Harrison e Richard Starkey Junior juntam-se, ainda jovens, para formar uma das maiores bandas de *rock* de todos os tempos: “The Beatles” (THE BEATLES, 2012). No Dicionário Oxford de Música, o vocábulo *The Beatles* aparece como sendo:

**BEATLES, THE.** Grupo vocal e instrumental popular inglês (guitarra e bateria) que obteve popularidade mundial e aclamação ao nível da crítica nos anos 60, especialmente em canções de dois dos seus membros, John Lennon e Paul McCartney. (KENNEDY, 1994, p. 70).

Seu primeiro sucesso, foi o single *Love Me Do*, lançado em outubro de 1962, pela produtora de discos *Parlephone*. Daí em diante foram enormes vendas de discos, várias viagens de sucesso feitas aos EUA e o sucesso arrebatador de filmes como *A Hard Day's Night*<sup>37</sup>. Tudo isso gerou a chamada “Beatlemania”, que traduz o fenômeno de popularidade do grupo de *rock* dos 4 rapazes de Liverpool, “[...] o termo beatlemania foi aplicado para descrever a adulação, não apenas dos jovens, por eles.” (KENNEDY, 1994, p. 70). Na Figura 5, a seguir, uma fotografia do grupo.

A banda escolhida para a temática teve muito prestígio e ainda hoje influencia diversas bandas musicais, produz materiais diversos como áudios remasterizados, entrevistas em sites, blogs, relançamento de álbuns, fotografias e etc.

Os documentos que analisamos, dentre eles, imagens, foram coletadas a partir de resultados de buscas por imagens na web e simbolizam os registros visuais reunidos até hoje sobre o conjunto a partir do tema “morte de Paul McCartney”.

<sup>36</sup> O nome que faz um trocadilho com *beetle* - besouro e *beat* - que significa batida ou compasso ritmado na língua inglesa.

<sup>37</sup> Ano de lançamento: 1964. Lançado no Brasil com o título “Os Reis do Iê, Iê, Iê”.

Figura 5 – The Beatles. Na sequência da esquerda para a direita: Ringo Starr, Paul McCartney, George Harrison e John Lennon



Fonte: (BEATLES, 20013).

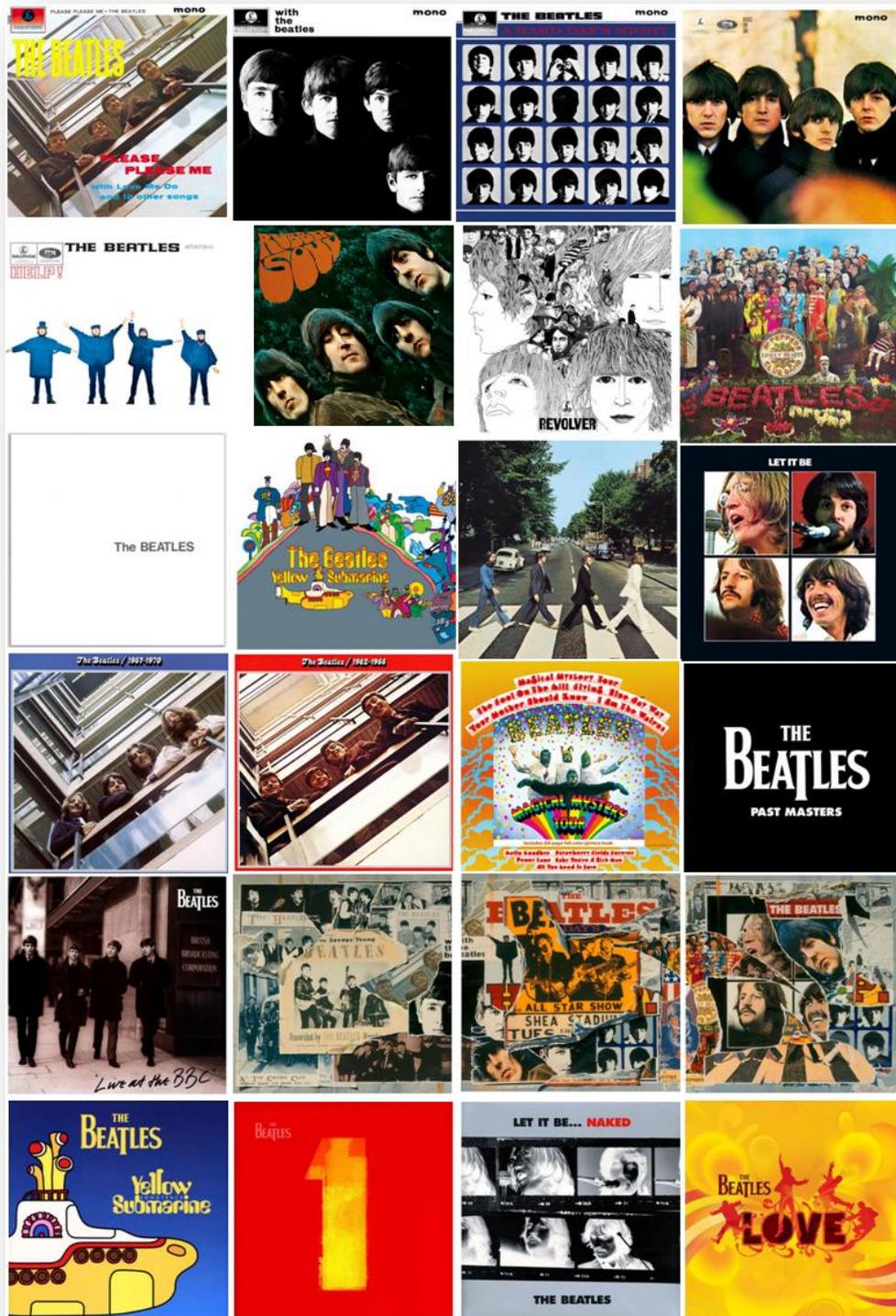
Sua música e principalmente a sua imagem, foram vistas como uma revolução e uma quebra de paradigma aos padrões convencionais. Isto pode ser visto em Muggiati (1985, p. 83) quando expõe:

Por trás do sucesso dos conjuntos ingleses, estava uma revolução cultural, virtualmente implodindo o edifício vitoriano que, de certa forma, conseguira ficar de pé até o pós-guerra e os anos 50, mas agora entrava em colapso total. As aguras de dois conflitos mundiais e o esvaziamento do império colonial não foram suficientes para abalar a estrutura de classes que era a alma do sistema social britânico. Mas um sopro de prosperidade e hedonismo foi o que bastou para derrubar todo aquele castelo de cartas. Imperceptivelmente, todo um processo de transformação tomou conta da velha ilha, a partir do início dos anos 60 e, já em meados da década, como a sua repentina floração da primavera, surgia uma nova Inglaterra.

Em 4 de abril de 1964, os Beatles foram a primeira banda na história da *Billboard*<sup>38</sup> a ocupar as 5 primeiras posições do ranking das 100 músicas mais tocadas nas rádios da época: 1° *Can't Buy Me Love*, 2° *Twist and Shout*, 3° *She Loves You*, 4° *I Want to Hold Your Hand*, 5° *Please Please Me* (BILLBOARD, 2013). Abaixo, na Figura 6, as capas dos discos oficiais lançados pelos Beatles.

<sup>38</sup> Revista norte-americana especializada em informações sobre a indústria musical, conhecida também como “bíblia da música”.

Figura 6 – Capas dos discos oficiais lançados pela banda The Beatles



Fonte: (BEATLES, 20013).

Foi a partir do disco *Revolver*, que a “explosão” dos Beatles se deu e reuniu uma multidão de fãs suficiente para consolidar carreiras inteiras e consagrar bandas eternamente, como comenta Pacheco (1988, p. 95):

Os Beatles tinham então pelo seu exemplo ou simplesmente porque eles próprios eram o sinal de qualquer coisa, favorecido dois dos principais aspectos da eclosão pop: o aparecimento duma nova classe e o desenvolvimento dos conceitos culturais, de que a Inglaterra ia beneficiar-se durante os anos seguintes tornando-se por um tempo o centro mundial onde milhões de jovens, em todos os países, tinham os olhos postos.

A partir deste fenômeno cultural da década de 1960, um fato importante desencadeou uma nova fase na carreira dos Beatles. Em 1966, os Beatles já não se apresentavam com tanta frequência ao vivo e, segundo Patterson (1996, p. 41, tradução nossa):

Os Beatles haviam realizado seu último concerto como um grupo pop no Candlestick Park, em San Francisco em 19 de agosto de 1966. Depois disso, o Fab Four se tornou recluso e raramente aparecia em público. Eles rejeitaram grandes somas de dinheiro para tocar ao vivo mais uma vez como um grupo pop. Os Beatles tornaram-se entediados com a sua própria notoriedade.<sup>39</sup>

Aliado a isto, em novembro de 1966, logo após o sucesso do disco *Revolver*<sup>40</sup>, uma rádio americana noticiou que Paul McCartney teria sofrido um acidente de carro, e a partir daí, surgiu o comentário sobre sua suposta morte e sua substituição por um sócia.

Segundo Patterson (1996), Paul tinha um sócia de origem anglo-escocesa, que teria sido seu dublê durante as filmagens do filme *A Hard Day's Night*<sup>41</sup> e *Help!*<sup>42</sup>. O nome do sócia seria Willian Campbell, porém, outras fontes citam que o nome do sócia seria Billy Shears.

A banda teria escondido este fato e, a partir daí surgiram, reiteradamente, comentários em outros textos, como matérias de jornais, revistas e TV, especulações de fãs sustentando a versão da morte de Paul, além de mensagens subliminares nas capas dos discos dos Beatles que comprovariam tal acontecimento.

Tendo-se em vista o conceito sobre “Ciência e Saber” de Foucault (2010) empregado nesta pesquisa, dividiremos a análise dos materiais de acordo com os saberes produzidos sobre o tema, divididos entre científicos e não científicos. Começaremos a análise a partir dos documentos considerados não científicos.

Todas as capas de discos anteriores possuíam fotografias dos integrantes juntos (THE BEATLES, 2013), como:

- *Please Please me* (1963);

<sup>39</sup> “The Beatles performed their last concert as a group at Candlestick Park in San Francisco on August 19, 1966. After that, the Fab Four became reclusive and seldom appeared in public. They rejected great sums of money to perform live as a pop group once more. The Beatles had become bored with their own notoriety.” (PATTERSON, 1996, p. 41).

<sup>40</sup> Produzido por Parlophone, 1966.

<sup>41</sup> Traduzido no Brasil como “Os Reis do Iê, Iê, Iê” (1964, direção de Richard Lester).

<sup>42</sup> 1965, direção de Richard Lester.

- *With the Beatles* (1963);
- *A Hard Day's Night* (1964);
- *Beatles for Sale* (1964);
- *Help!* (1965); e
- *Rubber Soul* (1965).

Podemos verificar isso na Figura 7, a seguir, que mostra as seis (6) primeiras capas de discos dos Beatles:

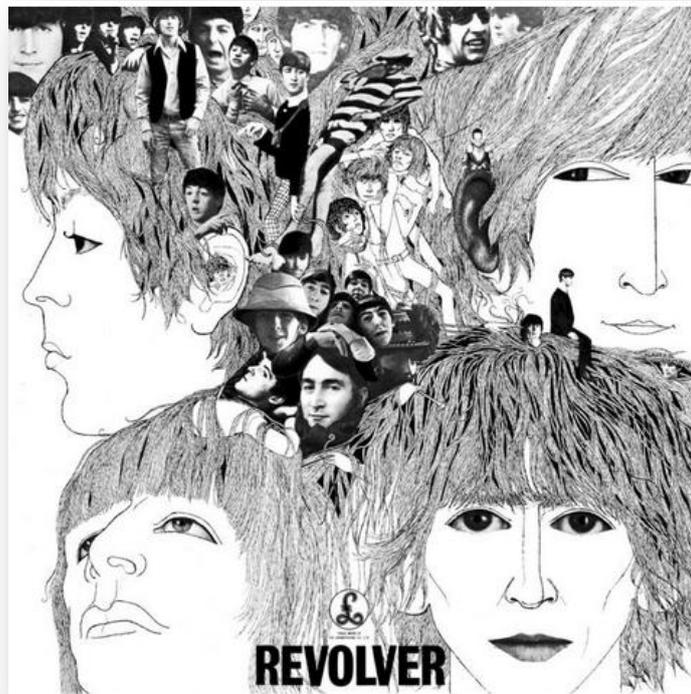
Figura 7 – Capas dos 6 primeiros discos dos Beatles, antes do lançamento do disco *Revolver*. São eles: *Please Please me* (1963), *With the Beatles* (1963), *A Hard Day's Night* (1964), *Beatles for Sale* (1964), *Help!* (1965) e *Rubber Soul* (1965).



Fonte: (THE BEATLES, 2013).

A partir da data do suposto acidente, em 1966, o primeiro disco lançado, na sequência da discografia acima foi *Revolver*. A capa do disco (*Revolver*, Figura 8) foi lançado logo após o comentário da morte, possui ilustrações dos integrantes como de outras pessoas e algumas fotografias pequenas dos quatro integrantes. Em comparação com as capas anteriores (Figura 7) a essa (Figura 8), observa-se a primeira evidência de que algo estaria “errado”, pois essa capa não possui uma fotografia nítida e de tamanho grande, onde se possa ver os integrantes em destaque, como nas capas anteriores, além disso ela não tem o colorido das outras capas, apresentando somente as cores neutras em preto e branco.

Figura 8 – Capa do disco *Revolver* (1966)



Fonte: (THE BEATLES, 2013).

Foi a partir deste disco que começaram os comentários de que Paul McCartney estaria morto, e, de fato, pela capa há uma descontinuidade no padrão das mesmas editadas anteriormente. Ou seja, este enunciado começou, à partir desta capa, a ser construído discursivamente, em torno de um texto primeiro, que foi um comentário, aparecendo agora, na capa, como repetição do que se falou inicialmente sobre ele. Foucault (2011), como exposto acima, define o conceito de *comentário* como parte ativa da construção discursiva sobre determinado assunto. Os sujeitos e objetos do discurso sobre, no caso, a morte de Paul

McCartney, foram construídos discursivamente sobre o que se falou deste tema. Como define Foucault (2011, p. 24), um *comentário*,

[...] permite construir (e indefinidamente) novos discursos: o fato de o texto primeiro pairar acima, sua permanência, seu estatuto de discurso sempre reatualizável, o sentido múltiplo ou oculto de que passa por ser detentor, a reticência e a riqueza essenciais que lhe atribuímos, tudo isso funda uma possibilidade aberta de falar.

Deste modo, o comentário sobre a morte de Paul McCartney gerou diversos documentos e continua gerando, inclusive este documento de pesquisa. Esta característica de repetição, de reiteração sobre um tema, está presente no *princípio do comentário* de Foucault (2011, p. 25):

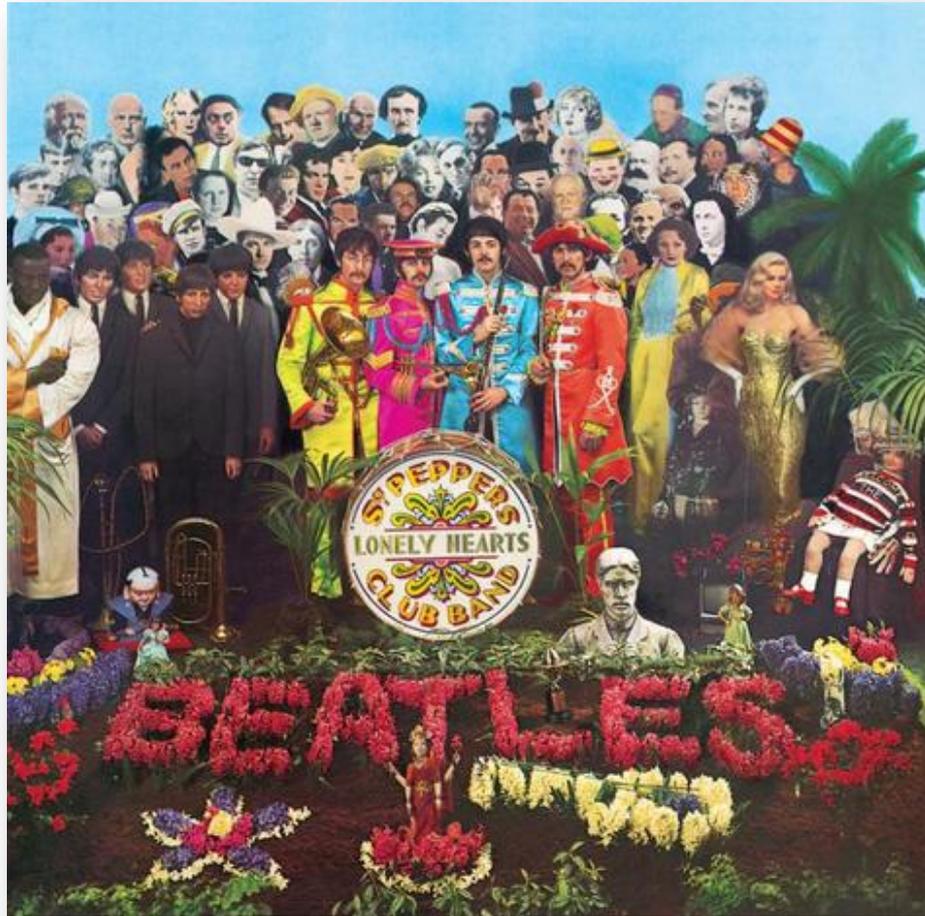
Deve, conforme um paradoxo que ele desloca sempre, mas ao qual não escapa nunca, dizer pela primeira vez aquilo que, entretanto, já havia sido dito e repetir incansavelmente aquilo que, no entanto, não havia jamais sido dito.

Depois da polêmica da suposta morte de Paul McCartney, os fãs começaram a “ver” que as capas dos discos dos Beatles continham mensagens subliminares que davam “pistas” sobre este acontecimento. O próximo disco a ser lançado pelos Beatles foi o *Sgt. Pepper's Lonely Hearts Club Band*<sup>43</sup>, como segue abaixo, na Figura 9. Ela representaria o funeral de Paul McCartney onde todas as pessoas ali representadas, estariam olhando uma sepultura (a de Paul McCartney) com arranjos de flores típicos de um funeral, como podemos verificar a seguir:

---

<sup>43</sup> Produzido por Parlophone, 1967.

Figura 9 – Capa do disco *Sgt. Pepper's Lonely Hearts Club Band*



Fonte: (THE BEATLES, 2013).

Em comparação com a capa do disco *Revolver*, toda em preto e branco, como visto anteriormente, esta capa possui um colorido significativo. À esquerda o padre e ao lado dele os integrantes dos Beatles de luto com roupas pretas. Existe ao centro, o que seria um caixão coberto de flores vermelhas (onde lê-se “Beatles”). Abaixo das flores vermelhas há um arranjo de flores amarelas, com o formato de um contra baixo virado para a esquerda, em referência a Paul McCartney que é (era) canhoto. As flores vermelhas formam a palavra “BEATLESo” que seria o local do enterro, formando assim a frase “Be at Leso”<sup>44</sup>, nome do suposto local onde estaria enterrado Paul McCartney (IS PAUL DEAD, 2013).

A data da morte estaria anunciada no bumbo colocado na frente de um espelho (Figura 10, abaixo): “1 one IX He Die”<sup>45</sup>, que pode ser entendido como “9 de novembro ele morre”.

<sup>44</sup> Tradução nossa: “Está em Leso”. Leso é uma ilha da Indonésia.

<sup>45</sup> 1 com ONE = 11, IX = 9; pelo modelo americano de datas temos 9/11, pois descobriu-se que ele morreu em 9/11/1966, uma quarta-feira. (PATTERSON, 1996).

No bumbo colocado em frente ao espelho, aparece os dizeres: “LONELY HE DIE”<sup>46</sup>. (PATTERSON, 1996).

Figura 10 – Bumbo de bateria da capa do disco *Sgt. Pepper's Lonely Hearts Club Band*



Fonte: (THE BEATLES, 2013).

Na contra capa do encarte desse disco, toda na cor vermelha (Figura 11, a seguir), o único integrante que aparece de costas é Paul McCartney, o que no movimento dos documentos desta série enunciativa, mostra, mais uma vez, a característica de ocultação da imagem de Paul:

---

<sup>46</sup> Tradução nossa: “Sozinho ele morre.”

Figura 11 – Contra capa do disco *Sgt. Pepper's Lonely Hearts Club Band*



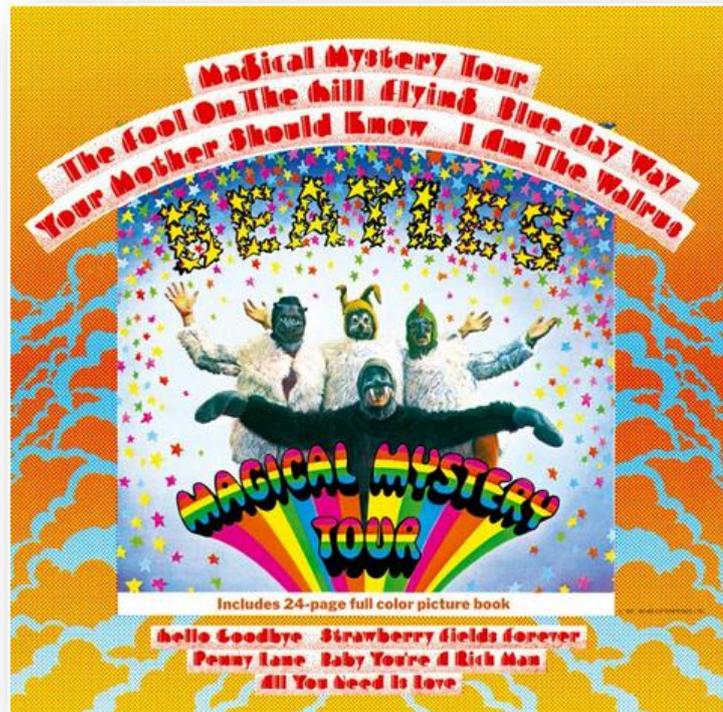
Fonte: (THE BEATLES, 2013).

O disco sucessor a este foi o *Magical Mystery Tour*<sup>47</sup>. Este título representaria a jornada que os fãs dos Beatles teriam que percorrer para decifrar o enigma de sua morte. O título do disco aparece em cores que representam um arco-íris, logo abaixo dos integrantes fantasiados. É possível ver, ainda, os títulos das faixas musicais presentes neste álbum, grafadas na cor vermelha. Nesta capa, com bastante elementos coloridos e contrastantes, os quatro integrantes estão fantasiados de animais. Paul McCartney seria o sujeito central, em destaque, e preto, vestido de morsa<sup>48</sup>, enquanto os outros estão vestidos de outros animais na cor branca (PATTERSON, 1996), conforme se vê na Figura 12, a seguir.

<sup>47</sup> Produzido por Capitol, 1967.

<sup>48</sup> “Designação comum a dois mamíferos marinhos odobenídeos: *Odobenus rosmannus*, do N.O. do Atlântico e do oceano Ártico, e *O. divergens*, do mar de Bering e das costas do oceano Ártico, na Sibéria e no Alasca, este às vezes tido como uma variedade do primeiro. Podem atingir mais de uma tonelada de peso e são caçados pelo valor de seu couro e de suas presas e pelo óleo extraído de sua gordura. Localmente, são usados também como alimento.” (FERREIRA, 2004).

Figura 12 – Capa do disco *Magical Mystery Tour*



Fonte: (THE BEATLES, 2013).

No encarte, é possível ver que Paul é o único dos quatro integrantes que está com um cravo preto na lapela do paletó, como verifica-se na Figura 13, a seguir. Os outros estão com cravos vermelhos. Podemos observar, também, mais uma característica que se relaciona com a capa anterior em que ele aparece com a fantasia, do mesmo modo, na cor preta.

Figura 13 – Encarte do disco *Magical Mystery Tour*



Fonte: (THE BEATLES, 2013).

Ao se observar a capa deste disco em um espelho, as estrelas onde está escrito “BEATLES” formam um número de telefone, “5371438”, apresentado na Figura 14 abaixo. Quando se ligava para este número, na época em que o disco foi lançado, ouvia-se a mensagem “*You’re getting closer.*”<sup>49</sup>. (IS PAUL DEAD, 2013).

Figura 14 – No disco *Magical Mystery Tour*, a palavra “BEATLES”, no espelho, forma um número de telefone, 5371438



Fonte: (THE BEATLES, 2013).

Com isso percebemos a associação sobre a morte de Paul McCartney entre os textos anteriores e este, em um campo associado discursivo, bastante estabilizado enunciativamente.

Na sequência desta série, depois de capas de discos bastante coloridos e contrastantes, foi lançado o disco *The Beatles*<sup>50</sup> (Figura 15). Este disco possui uma capa totalmente branca, sem desenhos ou fotografias, apresentando somente o título “The BEATLES”. A cor branca é reiterada quando os fãs se referem a este álbum como “Álbum branco”.

<sup>49</sup> Tradução nossa: “Você está chegando perto.”

<sup>50</sup> Mais conhecido como “*The White Album*”. Produzido por Apple, 1968.

Figura 15 – Capa do disco *The Beatles*



Fonte: (THE BEATLES, 2013).

Seu encarte, porém, traz imagens enigmáticas. No encarte do disco a seguir (Figura 16), Paul aparece em uma banheira, com a cabeça para fora da água dando uma impressão assustadora de decapitação, que é como ele teria sido morto, no acidente de carro (PATTERSON, 1996).

Figura 16 – Fotografia do encarte do disco *The Beatles* em que se vê Paul McCartney em uma banheira



Fonte: (THE BEATLES, 2013).

Em outra fotografia, ainda dentro do encarte, Paul aparece entrando em um trem ou em um ônibus e duas mãos “fantasmagóricas” aparecem na fotografia do lado direito, dando a impressão de levá-lo para o “outro lado”, como se vê na Figura 17, abaixo:

Figura 17 – Fotografia do encarte do disco *The Beatles* em que Paul McCartney aparece entrando em um trem



Fonte: (THE BEATLES, 2013).

O último disco que apresentou as mensagens subliminares foi *Abbey Road*<sup>51</sup>. Pela primeira vez na história dos Beatles, essa capa não continha nem o nome da banda e nem o título do álbum; somente a foto icônica dos quatro integrantes dos Beatles atravessando a rua sob a faixa de pedestre, prestes a entrarem no estúdio de gravação *Abbey Road*. Esta fotografia da capa simbolizaria a procissão de um enterro. John, de branco, seria o padre ou um médico; Ringo, de preto, o agente funerário; Paul é o morto; e Harrison trajando um *jeans* surrado, seria o coveiro (PATTERSON, 1996), como se vê abaixo, na Figura 18.

---

<sup>51</sup> Produzido por Apple, 1969.

Figura 18 – Capa do disco *Abbey Road*



Fonte: (THE BEATLES, 2013).

Existe um carro, ao fundo da fotografia, que parece ter atingido Paul e segue em frente<sup>52</sup>. Do lado direito, teríamos um carro de “policia”, que parece estar atendendo a alguma ocorrência, como um acidente de trânsito (IS PAUL DEAD, 2013) (Figura 19).

---

<sup>52</sup> Os ingleses dirigem na mão esquerda.

Figura 19 – Carro de polícia na capa do disco *Abbey Road*



Fonte: (THE BEATLES, 2013).

Na Figura 20, abaixo, temos Paul McCartney na capa deste disco *Abbey Road* atravessando a rua e segurando um cigarro com a mão direita. Surgiram questionamentos quanto a Paul segurar o cigarro com a mão direita, uma vez que ele é canhoto e toca contrabaixo com a mão esquerda. Ele também aparece descalço e algumas religiões enterrariam seus cadáveres desse jeito (IS PAUL DEAD, 2013).

Figura 20 – Paul McCartney segurando o cigarro com a mão direita na capa do disco *Abbey Road*



Fonte: (THE BEATLES, 2013).

Nessa mesma capa vê-se um carro, um Fusca branco. A placa do carro que aparece à esquerda traz a inscrição “LMW 28IF”, que pode significar a abreviação de “Linda McCartney Weeps”<sup>53</sup> ou “Linda McCartney Widow”<sup>54</sup>. Linda McCartney era casada com Paul McCartney na época. A inscrição “28IF” seria “28 years IF alive”<sup>55</sup> e se refere à idade de Paul McCartney à época do disco, se não tivesse morrido (IS PAUL DEAD, 2013). Podemos verificar isso, na Figura 21, abaixo:

Figura 21 – Placa do carro que aparece do lado esquerdo da capa do disco *Abbey Road*



Fonte: (THE BEATLES, 2013).

Compondo, ainda, os documentos disponíveis na web no âmbito dos saberes não científicos, encontramos também uma entrevista de Paul McCartney concedida ao apresentador David Letterman (Figura 22), que o pergunta sobre os boatos sobre sua morte em meados de 1960 e as supostas mensagens deixadas nas capas de discos dos Beatles.

<sup>53</sup> Tradução nossa: “Linda McCartney chora.”

<sup>54</sup> Tradução nossa: “Linda McCartney viúva.”

<sup>55</sup> Tradução nossa: “28 anos se vivo.”

Figura 22 – Entrevista de Paul McCartney no programa *David Letterman Show* (2009)



Fonte: (YOUTUBE, 2009) Disponível em:  
<http://www.youtube.com/watch?v=XcSriSWVeJE>.

Na entrevista, Paul McCartney afirma que os boatos sobre sua suposta morte se deram quando um radialista norte-americano teria afirmado que Paul havia morrido. Paul comenta também sobre a famosa fotografia em que aparece descalço. Além disso, ele afirma que as pessoas começaram a desconfiar de sua identidade e de que talvez ele realmente não fosse o “Paul McCartney”.

A seguir, transcrevemos um trecho da entrevista (YOUTUBE, 2009)<sup>56</sup>:

David Letterman: Foi no final dos anos 60, que surgiram boatos de que você estava morto, lembra-se disso?

Paul McCartney: Sim.

David Letterman: Lembra-se de como isso começou? Quais foram seus sentimentos sobre isso? [...]

Paul McCartney: O que aconteceu é que fizemos a capa do disco *Abbey Road* (...) A ideia era atravessar a rua. E eu fui de chinelo naquele dia. Estava tão quente que tirei o chinelo e atravessei descalço. Isso deu início ao boato, por eu estar descalço, estava morto! [...]

David Letterman: Como você lidou com isso? Foi um boato mundial.

Paul McCartney: Eu ri da situação. Sabia que era só por causa da fama e da loucura. Foi um radialista americano. A culpa é de vocês. Mas foi um pouco estranho, pois começaram a me olhar assim: será que é ele ou um sócia muito parecido?

David Letterman: Essa foi a ideia, foi a outra parte do boato, que era um sócia no seu lugar.

<sup>56</sup> Disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=YFKSkkhBdfo>

Paul McCartney: Este [se indicando] é ele!<sup>57</sup> (YOUTUBE, 2009).

Encontramos também o site “Is Paul Dead”<sup>58</sup> que disponibiliza toda a história sobre o tema e apresenta as capas e as supostas mensagens subliminares. Nele, existe uma fotografia em que Paul McCartney aparece de chinelos na sessão de fotografias para a capa do disco *Abbey Road*, confirmando o que Paul McCartney disse sobre estar de chinelos em sua entrevista a David Letterman. Abaixo, na Figura 23, a imagem que confirma esta afirmação de Paul:

Figura 23 – Paul McCartney aparece de chinelos na sessão de fotografias para a capa do disco *Abbey Road*



Fonte: (ISPAULDEAD, 2013).

Além das capas de discos do Beatles, o vídeo com a entrevista de Paul McCartney e o site “Is Paul dead”, foi possível também, no âmbito dos saberes não científicos, encontrar na web diversos materiais que fazem referência ao tema “morte de Paul McCartney”. Eles mostram, a partir deste acontecimento, surgiram diversos documentos que também

<sup>57</sup> Tradução nossa.

<sup>58</sup> Site com conteúdo exclusivo sobre a morte de Paul McCartney, com as capas dos discos:  
<http://ispauldead.com/>

discursivizam sobre este tema, de maneira sutil ou não. Fato é que, pelos princípios de análise propostos por Foucault (2010), não passam despercebidos aos olhos do analista. Selecionamos alguns deles, que se encontram a seguir.

O primeiro deles é a revista em quadrinhos do Batman<sup>59</sup>, onde Frank Robbins<sup>60</sup> narra a história em que Batman investiga a morte de um integrante da banda “Oliver Twists”<sup>61</sup>. Na capa da revista deste número, é possível ver que Robin, companheiro de Batman, segura um disco que tem seu desenho em referência a contracapa do disco *Sgt. Pepper's Lonely Hearts Club Band* (ver Figura 11), em que somente um dos integrantes está de costas, como podemos verificar na Figura 24, a seguir. Além disso, aparecem 4 (quatro) homens vestidos com roupas bastante parecidas com o figurino que os Beatles usavam em seus shows. Eles estão segurando instrumentos musicais e ao fundo existe uma sepultura com as letras “R.I.P.”<sup>62</sup>. O personagem Batman aparece dizendo “Aí vem eles! Um deles está morto, mas qual?”<sup>63</sup> e, em resposta, Robin diz “A pista está na capa do disco deles!”<sup>64</sup>. Esse diálogo entre os personagens do quadrinho reitera a questão das pistas deixadas nas capas de discos dos Beatles sobre a “morte de Paul McCartney”.

---

<sup>59</sup> Edição 222, americana.

<sup>60</sup> Escritor da revista Batman na época.

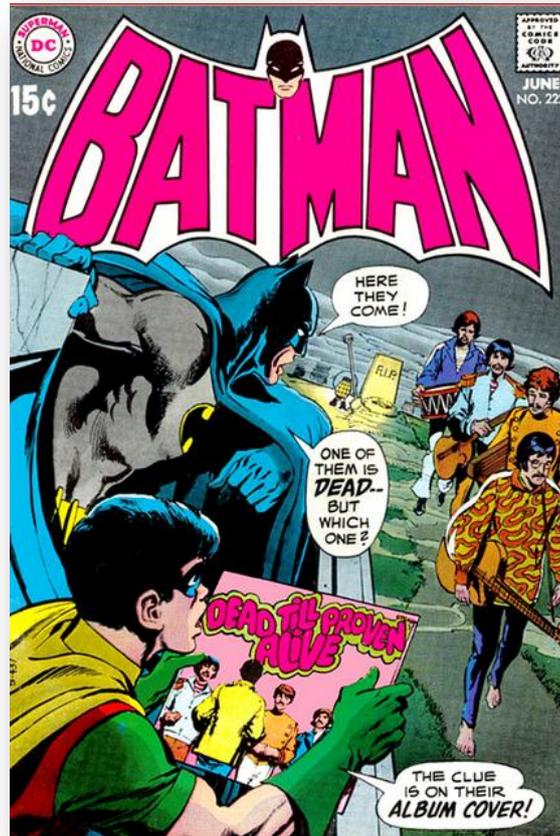
<sup>61</sup> Os nomes e situações são alterados para não afligir personagens da vida real (Beatles).

<sup>62</sup> R.I.P. é uma sigla comumente utilizada em sepulturas e significa “Rest in peace” (“Descanse em paz”).

<sup>63</sup> Tradução nossa. “Here they come! One of them is dead – but wich one?”

<sup>64</sup> Tradução nossa. “The clue is on their album cover!”

Figura 24 – Revista em quadrinhos do Batman

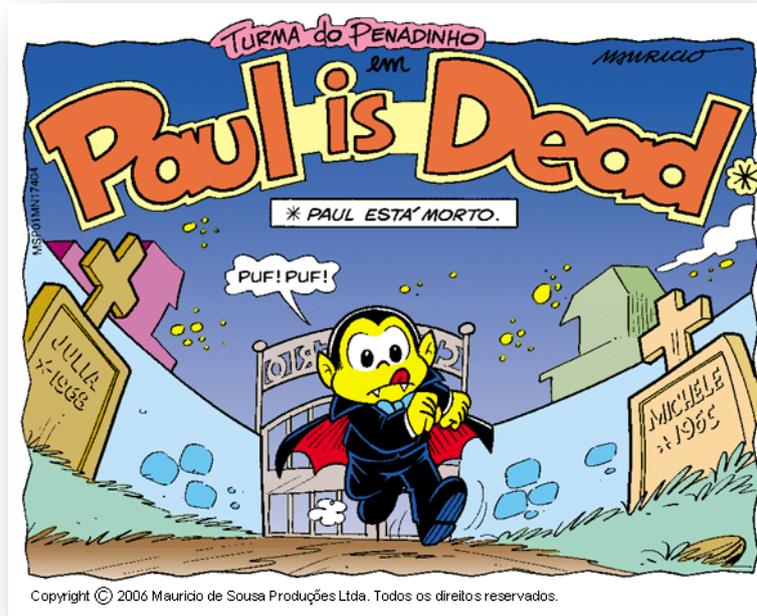


Fonte: (DIALBFORBLOG, 2013).

Complementando e reiterando o enunciado “morte de Paul McCartney”, temos a revista em quadrinhos da Turma da Mônica com história, do mesmo modo, inspirada neste tema. Como podemos ver abaixo na Figura 25, cuja história com o personagem Penadinho tem como título “Paul is dead”<sup>65</sup>.

<sup>65</sup> Tradução nossa: “Paul está morto.”

Figura 25 – Revista em quadrinhos da Turma da Mônica



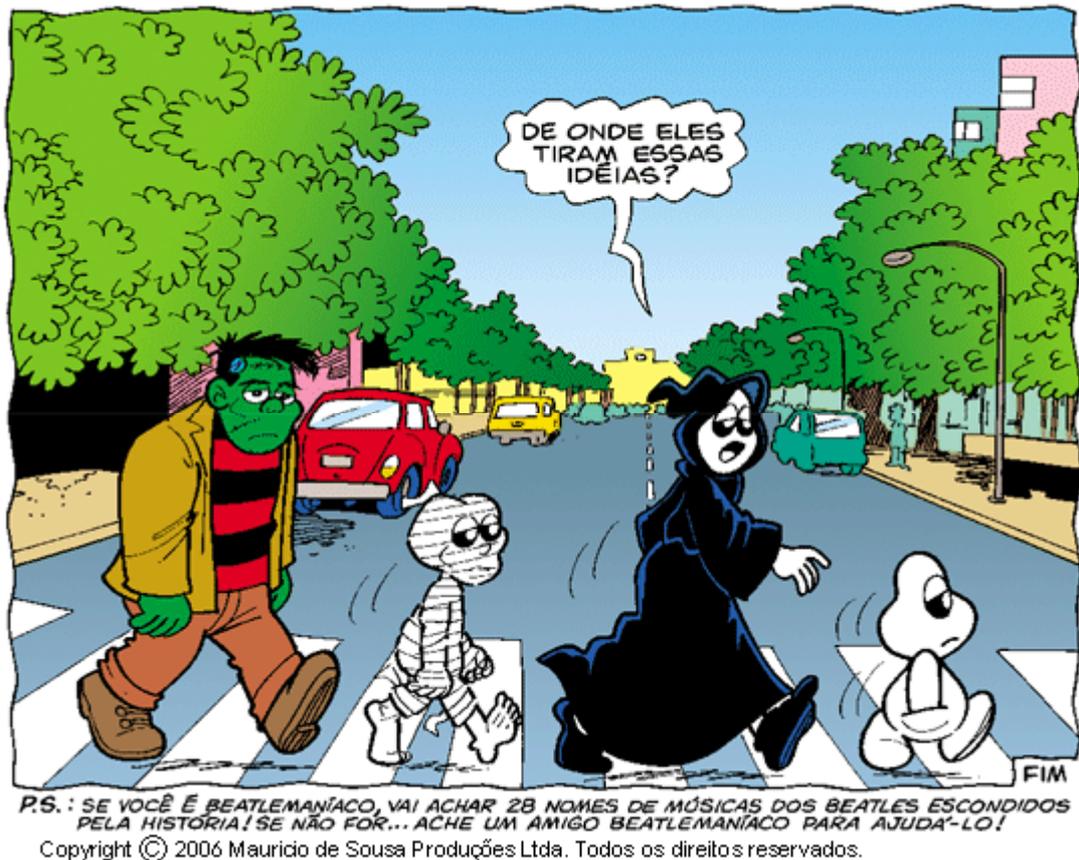
Fonte: (SOUSA, 2006).

Na Figura 25, Penadinho parece fugir de alguém e parece estar no cemitério. No desenho de sepultura da esquerda está escrito “Julia \*1968” e na da direita “Michele \*1965”, ambos títulos das músicas dos Beatles “Julia” lançada no ano de 1968 no álbum *The Beatles* e “Michelle” lançado no ano de 1965 no disco *Rubber Soul*.

Além disso, no decorrer da história, existem 28 títulos de músicas dos Beatles espalhadas nas falas dos personagens.

A seguir, na Figura 26, completando a série de documentos sobre a “morte de Paul McCartney”, vemos a paródia da capa do disco *Abbey Road*, em que os personagens da história da Turma do Penadinho aparecerem dispostos como na capa do disco e atravessam uma rua.

Figura 26 – Paródia da capa do disco Abbey Road nos quadrinhos da Turma do Penadinho



Fonte: (SOUSA, 2006).

Ao recorrermos à Foucault (2010) foi possível, então, analisar o enunciado sobre a “morte de Paul McCartney”, no âmbito de textos não científicos, formando assim, um arquivo discursivo. Queremos destacar que isso somente é possível, pois,

[...] a arqueologia encontra o ponto de equilíbrio de sua análise no saber – isto é, em um domínio em que o sujeito é necessariamente situado e dependente, sem que jamais possa ser considerado titula (seja como atividade transcendental, seja como consciência empírica). (FOUCAULT, 2010, p. 204).

Ao escolhermos o tema “morte de Paul McCartney”, um tema que vem da arte, em especial o da música, áreas até agora consideradas não-científicas, nos ocorreu que talvez não fosse possível encontrarmos materiais que pertencessem ao âmbito das ciências, uma vez que esse tipo de tema, ficcional, nem sempre é considerado como material e tem seu devido respeito na sociedade científica. Porém, há diversos textos científicos sobre o tema, e atentaremos agora para os materiais do nível das *Ciências*.

Foucault (2010) expõe que é importante não se limitar somente aos “discursos científicos”, pois “[...] no interior de seus limites, cada disciplina reconhece proposições

verdadeiras e falsas; mas ela repele, para fora de suas margens, toda uma teratologia<sup>66</sup> do saber.” (FOUCAULT, 2011, p. 33). Ou seja, para este teórico as proposições de uma disciplina passam a ter exigência de uma **terminologia hermética e bem definida**, e devem incorrer dentro de determinados limites teóricos para não se transformar em “monstruosidades”, ou como diz o próprio Foucault numa “teratologia do saber”.

No campo do universo científico, portanto, o que encontramos sobre o tema “morte de Paul McCartney” foi uma Tese de doutorado, intitulada “A comunicação visual dos Beatles como sedução no imaginário social e cultural”, defendida por Maria Tereza Jorgens Bertoldi, em 2009, na Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Nessa tese, a autora comenta sobre os boatos da suposta morte de Paul McCartney, no seguinte excerto: “Um acontecimento curioso diz respeito ao desejo dos fãs e da mídia em especular sobre a possível morte de Paul McCartney. Os partidários dessa teoria conseguiam ver evidências do fato nessa capa também.”<sup>67</sup> (BERTOLDI, 2009, p. 277).

Bertoldi (2009) cita o autor Muggiati, que afirma que todo esse acontecimento se deu quando um radialista comentou sobre o assunto.

De acordo com Muggiati (1997), “essa boataria foi desencadeada por uma rádio de Detroit (a turma da terra do metal pesado, heavy metal, se amarra numa desgraça), que conseguiu “provar” a ocorrência de um horrendo acidente de carro, em novembro de 1966, na Sicília, no qual McCartney teria morrido.” (MUGGIATI, 1997, p. 154 apud BERTOLDI, 2009, p. 277).

A afirmação acima corrobora com o depoimento do próprio Paul McCartney quando da entrevista no programa *David Letterman Show*, apresentada anteriormente, quando ele afirma que “Foi um radialista americano.” (YOUTUBE, 2009) que teria começado com os boatos sobre sua morte. A autora ainda diz que “[...] segundo consta, esta afirmação foi comparada ao motivo de os Beatles não se apresentarem mais ao vivo desde então.” (BERTOLDI, 2009, p. 277).

Outro documento do âmbito das ciências, encontrado na web, foi um artigo da Revista da ABEM<sup>68</sup>, onde a autora Sílvia Cordeiro Nassif Schroeder delineia um breve comentário a respeito das mensagens subliminares deixadas pelos Beatles: “[...] tudo o que os Beatles inventaram: humor, surrealismo, protesto, trabalhados em harmonias cheias de incidentes rítmicos, instrumentações refinadas, letras que alternam bordões e **enigmas**<sup>69</sup>.”

<sup>66</sup> “Do gr. *teratología*, ‘narração de coisas maravilhosas’. Patol. Estudo das monstruosidades.” (FERREIRA, 2004)

<sup>67</sup> A autora se refere a capa do disco *Abbey Road*.

<sup>68</sup> Associação Brasileira de Educação Musical

<sup>69</sup> Grifo nosso.

(SCHROEDER, 2004, p. 109). Os enigmas dos Beatles, em particular, a que essa autora se refere, sugerem para o tema que estamos investigando nesta pesquisa.

Além da tese de doutorado e do artigo de revista, encontramos também dois livros publicados em língua inglesa sobre as mensagens subliminares das capas de discos e letras de músicas dos Beatles, intitulados “The walrus was Paul: the great Beatle death clues”<sup>70</sup> e “Turn me on, dead man: The Beatles and the ‘Paul is dead’ hoax”<sup>71</sup>.

O livro “The walrus was Paul: the great Beatle death clues” trata da lenda em torno da morte de Paul McCartney. No total são onze capítulos que falam desde a loucura da Beatlemania, o acidente de carro em que Paul McCartney teria morrido, o boato surgido na rádio norte-americana, a colocação de um sócio de Paul em seu lugar e as pistas deixadas nas capas de discos dos Beatles sobre o tema da morte de Paul.

A capa deste livro (Figura 27) é composta pela fotografia de Paul McCartney e no lugar de seu olho esquerdo está um ovo. Podemos inferir que isso faça referência à música “I am the walrus”<sup>72</sup> do disco *Magical Mystery Tour*. Isto porque, em um trecho desta música é dito que o “homem ovo” é a “morsa”, desvendando quem estaria com essa fantasia na fotografia da capa, no caso, Paul: “I am the eggman, they are the eggmen, I am the walrus”<sup>73</sup>. Como se observou anteriormente, na capa do disco *Magical Mystery Tour*, Paul McCartney seria a pessoa fantasiada de morsa.

---

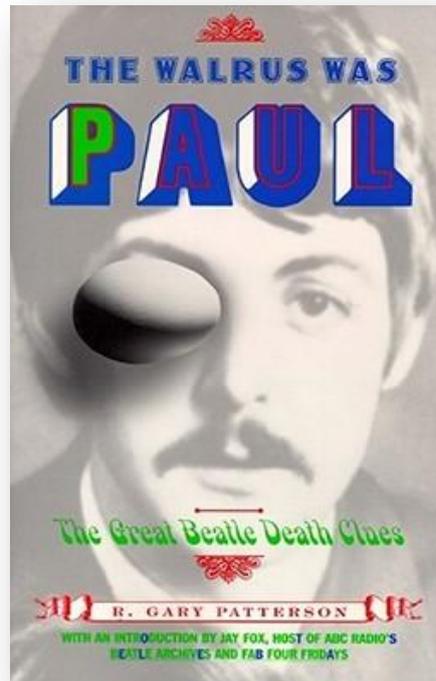
<sup>70</sup> PATTERSON, R. G. **The walrus was Paul: the great beatle death clues**. New York: Fireside, 1996. Tradução nossa: “A morsa era o Paul: as grandes pistas da morte do beatle.

<sup>71</sup> REEVE, A. J. **Turn me on, dead man: The Beatles and the ‘Paul is dead’ hoax**. Bloomington: Authorhouse, 2004. Tradução nossa: “Instigue-me, homem morto: The Beatles e o boato ‘Paul está morto’.

<sup>72</sup> Tradução nossa: “Eu sou a morsa.”

<sup>73</sup> Tradução nossa: “Eu sou o homem ovo, eles são os homens ovo, eu sou a morsa.”

Figura 27 – Capa do livro “The walrus was Paul: the great beetle death clues”



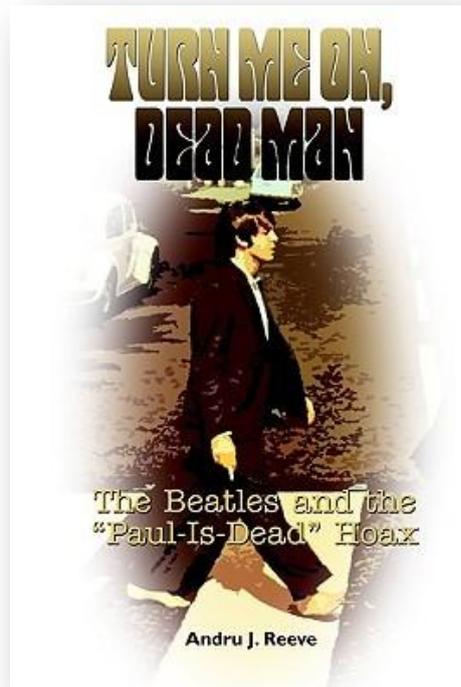
Fonte: Patterson (1996).

Já, o livro “Turn me on, dead man: The Beatles and the ‘Paul is dead’ hoax”, Andru J. Reeve (2004) é dividido em suas partes como se fosse um disco de vinil: lado 1 e lado 2. Ele narra a história da morte de Paul, desde o comentário até às pistas nas capas, por meio de depoimento de pessoas que tentaram resolver esse mistério. As investigações desse autor começaram em 1985. Em um de seus excertos, ele afirma que,

[...] a grande caçada pelas pistas tornou-se um jogo macabro em campus de diversas universidades dos Estados Unidos. Alguns estudantes abandonaram seus estudos e dedicaram tempo e energia a fim de desenterrar mensagens das letras e capas de quatro álbuns dos Beatles: Sgt. Pepper's Lonely Hearts Club Band, Magical Mystery Tour, The Beatles e Abbey Road. (REEVE, 2004, p. 6, tradução nossa).

A capa deste livro é composta por um recorte da famosa fotografia da capa do disco *Abbey Road*, apresentando apenas Paul McCartney, como verifica-se na Figura 28, a seguir:

Figura 28 – “Turn me on, dead man: The Beatles and the ‘Paul is dead’ hoax”



Fonte: Reeve (2004).

Deste modo, ao todo, recorreremos aos seguintes documentos que tratam sobre o tema “morte de Paul McCartney”, no âmbito não científico e científico:

- 5 capas de discos dos Beatles (Revolver, Sgt. Pepper's Lonely Hearts Club Band, Magical Mystery Tour, The Beatles e Abbey Road);
- 1 vídeo (Entrevista de Paul McCartney a David Letterman);
- 1 site ([www.ispauldead.com](http://www.ispauldead.com)) que trata do tema;
- 2 Histórias em quadrinhos (Turma do Penadinho e Batman);
- 1 tese de doutorado (BERTOLDI, 2009);
- 2 livros (PATTERSON, 1996; REEVE, 2004); e
- 1 artigo de revista científica (SCHROEDER, 2004).

É neste sentido que vemos a possibilidade da inserção da análise do discurso, como ferramenta capaz de aprimorar a análise de documentos e trazer as relações que o analista/bibliotecário faz para o âmbito da web.

Estes documentos formaram um arquivo discursivo sobre o tema “morte de Paul McCartney”, sendo que todos estão disponíveis na web.

Para a análise que realizamos deste arquivo discursivo, recorreremos aos seguintes conceitos de Foucault: “Ciência e saber”, “Comentário” e “Arquivo discursivo”.

O conceito sobre “Ciência e saber” (FOUCAULT, 2010) ficou evidenciado nos diversos documentos analisados por nós, todos disponíveis na web, tanto no âmbito científico como também no não científico.

Já o conceito sobre o “Comentário” (FOUCAULT, 2011) pode ser verificado a partir do enunciado primeiro sobre a “morte de Paul McCartney”, pois foi a partir do acontecimento da suposta morte do cantor, feito por um jornalista de uma rádio local, que surgiram manifestações de diversos sujeitos em diversos documentos posteriores a ele. O acontecimento foi tão marcante, que extravasou os primeiros ditos, tomou corpo em diversas mídias e adentrou no campo científico.

O conceito de “Arquivo” (FOUCAULT, 2010) possibilitou o agrupamento dos documentos encontrados na web, formando um arquivo discursivo sobre o tema a “morte de Paul McCartney”.

Para apresentá-lo de maneira ilustrada, fizemos um infográfico<sup>74</sup> que pode ser verificado no próximo capítulo.

---

<sup>74</sup> Utilizamos o site Mindomo para elaborar este infográfico. Disponível em: <http://www.mindomo.com>.

## 5 CONFLUÊNCIA DE SABERES: TEORIA ARQUEOLÓGICA DE FOUCAULT APLICADA A ORGANIZAÇÃO DISCURSIVA NO UNIVERSO DA WEB

Esta pesquisa tem como foco central a possibilidade da análise e organização de documentos na web e, para tanto, recorreremos a Foucault tendo em vista as relações que se pode estabelecer na formação de arquivos discursivos.

Escolhemos, até agora, um *corpus* composto de documentos sobre o tema “morte de Paul McCartney”, que gerou o arquivo discursivo. Fizemos uma busca por materiais que discursivizaram sobre esse tema e fizemos a análise discursiva em cada um deles, mas buscando relacioná-los enunciativamente, de acordo com o tema em questão. Por fim, vimos que todos os documentos, agora tratados de forma discursiva, podem formar, a partir da proposta de Foucault (2010), um arquivo discursivo sobre a “morte de Paul McCartney”.

Além disto, vimos no capítulo 3, que os documentos disponíveis na web também necessitam de organizações, dentre outros: padrões para disponibilização, linguagens (web semântica), códigos de catalogação e de indexação, e também de formas de apresentação de resultados na web que revelam as relações entre os temas e os documentos encontrados. Para tanto, observamos que os padrões e linguagens que estão sendo pesquisados pela Ciência da Informação, podem contribuir na construção de bibliotecas virtuais e catálogos de arquivos discursivos, potencializando a relação entre documentos.

De maneira a ilustrar como ficaria o arquivo discursivo sobre a “morte de Paul McCartney” na web, elaboramos um infográfico<sup>75</sup>, de acordo com os documentos analisados discursivamente acima.

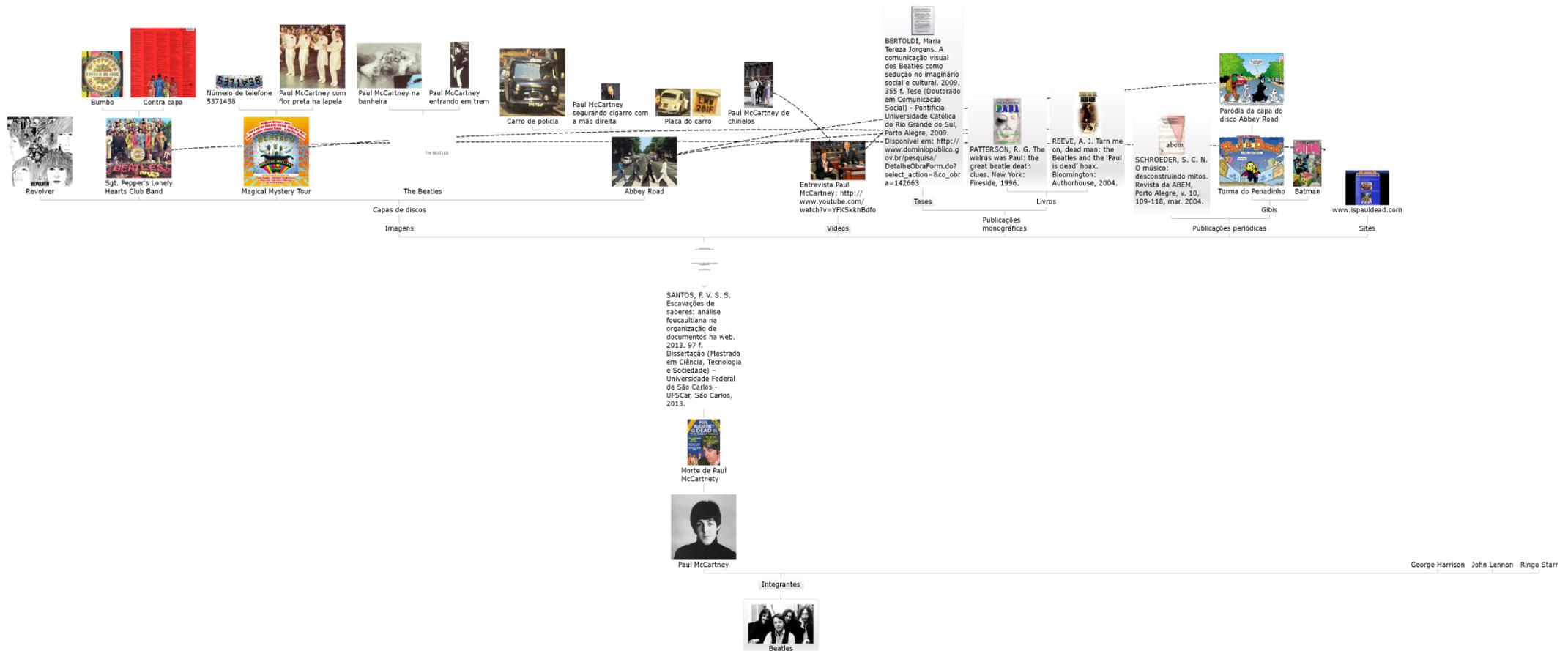
O objetivo do infográfico foi o de demonstrar, de maneira dinâmica, como pode ser apresentado um arquivo discursivo, caso seja disponibilizado na web. Ele é apresentado na tentativa de expor os documentos e suas informações, formando assim, o arquivo discursivo sobre a “morte de Paul McCartney”.

Na Figura 29, a seguir, o que apresentamos é o arquivo discursivo sobre o tema a “morte de Paul McCartney”, e nele, buscamos apresentar todos os documentos que o compõe.

---

<sup>75</sup> Infográficos são gráficos ilustrativos para apresentar informações.

Figura 29 – Infográfico do arquivo discursivo foucaultiano sobre o tema “morte de Paul McCartney”<sup>76</sup>

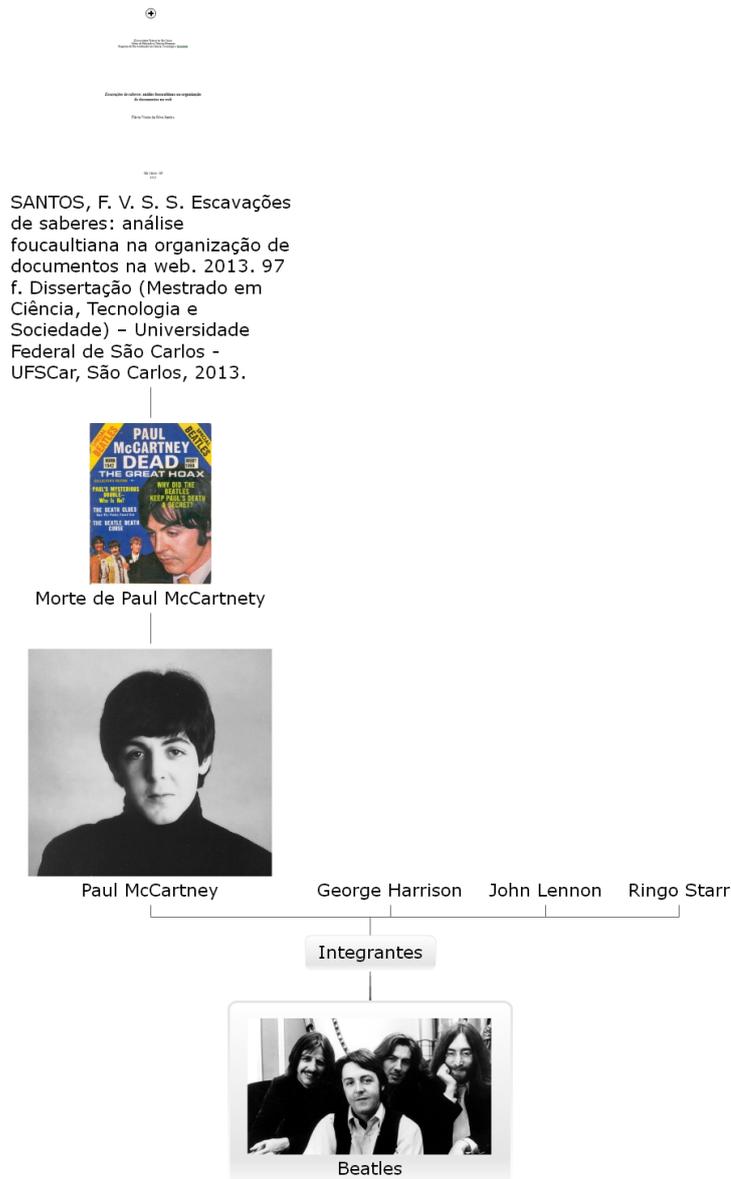


Fonte: Elaborado pela autora.

<sup>76</sup> Nos exemplares impressos, CD com imagem anexo.

A Figura 30 a seguir, apresenta a parte inicial do infográfico, iniciando pelo tema “Beatles”, para contextualizar o assunto “morte de Paul McCartney”. Na sequência, o tema se ramifica para os integrantes da banda, em que o leitor pode selecionar “Paul McCartney”, e depois para o assunto “morte de Paul McCartney”. Em seguida, como sugere a teoria de análise discursiva de Foucault, esta dissertação aparece como item do arquivo discursivo apresentando todas as análises que foram feitas no Capítulo 4:

Figura 30 – Início do infográfico: integrantes da banda Beatles e assunto “morte de Paul McCartney”



Fonte: Elaborado pela autora.

O arquivo foi organizado por nós conforme os formatos: publicações monográficas e seriadas, imagens, vídeos e sites como se pode verificar nas figuras 29 (continuação), que seguem.

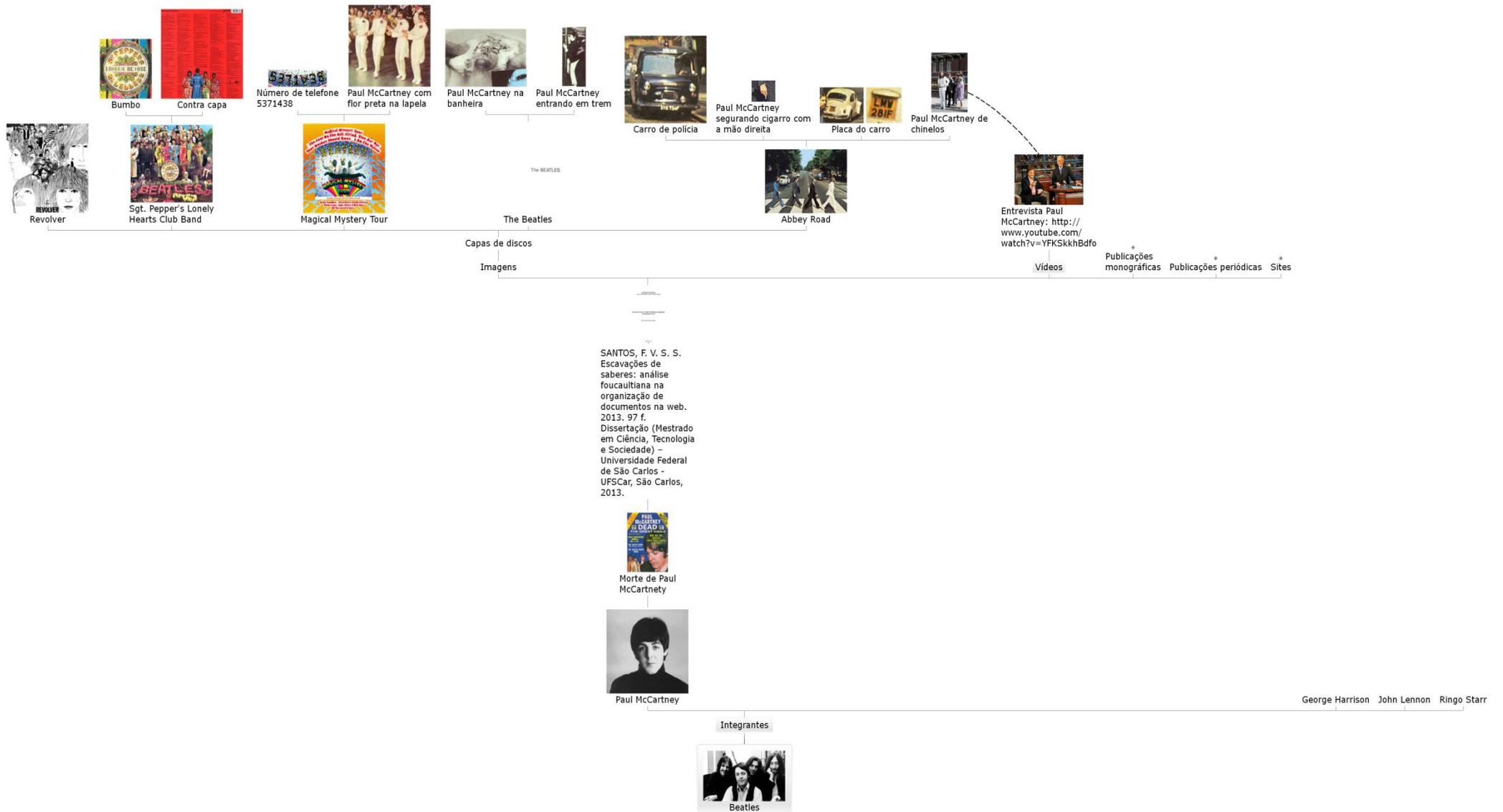
A Figura 31, a seguir, apresenta a parte do infográfico em que se encontram as publicações monográficas (livros e tese de doutorado), publicações periódicas (revista e gibis) e sites. Em outra parte, Figura 32, são apresentados os documentos imagens e vídeos.

Figura 31 – Publicações monográficas (livros e tese de doutorado), publicações periódicas (revista e gibis) e sites (incluindo início do infográfico)



Fonte: Elaborado pela autora.

Figura 32 – Imagens e vídeos (incluindo início do infográfico)



Fonte: Elaborado pela autora.

Os materiais que foram analisados sobre o tema e que se encontram presentes na web foram:

- 5 capas de discos dos Beatles (Revolver, Sgt. Pepper's Lonely Hearts Club Band, Magical Mystery Tour, The Beatles e Abbey Road);
- 1 vídeo (Entrevista de Paul McCartney a David Letterman);
- 1 site ([www.ispauldead.com](http://www.ispauldead.com)) que trata do tema;
- 2 Histórias em quadrinhos (Turma do Penadinho e Batman);
- 1 tese de doutorado (BERTOLDI, 2009);
- 2 livros (PATTERSON, 1996; REEVE, 2004); e
- 1 artigo de revista científica (SCHROEDER, 2004).

Mediante as figuras apresentadas anteriormente, percebemos que o arquivo discursivo por nós formado, apresentado no infográfico, permitiu-nos a visualização concreta de como o resultado de análises discursivas foucaultinas podem ser apresentadas no âmbito da web.

A análise de um documento e sua representação feita pelo bibliotecário influencia diretamente o leitor usuário, nesse sentido julgamos que os FRBR, o RDA e a Web Semântica seriam propostas interessantes para alojar a análise foucaultina em sistemas computacionais no âmbito da web e que podem ser usados em bibliotecas virtuais e bases de dados. Isto porque:

- Os FRBR<sup>77</sup> auxiliariam na modelagem e descrição de documentos proporcionando um modelo mais amplo de conteúdos sobre determinado temas;
- Já o RDA<sup>78</sup> contribuiria para a padronização dos dados dos documentos de arquivos discursivos foucaultianos no âmbito da web e facilitaria ao leitor/usuário sua localização;
- O que visualizamos hoje é que o formato da web semântica auxiliaria o leitor/usuário a fazer as primeiras buscas na web de acordo com o que ele necessita, pois essa linguagem computacional permite que o leitor encontre, por exemplo, via sinônimos.

Contudo, a inserção das análises, como fizemos no Capítulo 4, aplicadas nestes modelos, ainda precisam ser realizadas concretamente, pois desconhecemos trabalhos de pesquisas exatamente do modo como estamos propondo, no campo da Ciência da Informação, motivo para pesquisas futuras.

---

<sup>77</sup> Functional Requirements for Bibliographic Records.

<sup>78</sup> Resource Description and Access.

## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo desta pesquisa foi compreender aspectos sobre a teoria discursiva, como proposta por Michel Foucault, aplicando-a em textos da web, tendo em vista a necessidade da organização de acervos no campo da Ciência da Informação. Como amostragem, aplicamos alguns dos princípios deste teórico em um *corpus* de cunho artístico, e analisamos textos encontrados na web a partir do enunciado “morte de Paul McCartney”.

Recorremos aos conceitos de Foucault sobre “Ciência e saber”, “Comentário” e “Arquivo discursivo” e os aplicamos na análise de um *corpus* encontrado na web, de cunho artístico, analisando-o a partir do enunciado “morte de Paul McCartney”.

Mediante a leitura e análise discursiva sobre este tema, concluímos que foi possível agrupar, analisar e relacionar, o arquivo discursivo analisado, considerando materialidades textuais diferenciadas. Os materiais que foram analisados sobre o tema e que se encontram presentes na web foram:

- 5 capas de discos dos Beatles (Revolver, Sgt. Pepper's Lonely Hearts Club Band, Magical Mystery Tour, The Beatles e Abbey Road);
- 1 vídeo (Entrevista de Paul McCartney a David Letterman);
- 1 site ([www.ispauldead.com](http://www.ispauldead.com)) que trata do tema;
- 2 Histórias em quadrinhos (Turma do Penadinho e Batman);
- 1 tese de doutorado (BERTOLDI, 2009);
- 2 livros (PATTERSON, 1996; REEVE, 2004); e
- 1 artigo de revista científica (SCHROEDER, 2004).

A descrição dos mesmos se iniciou a partir de um enunciado discursivo sobre a “morte de Paul McCartney”, mas expandiu-se para a análise de um arquivo discursivo, devido, inclusive, as diversas materialidades presentes no universo da web sobre o tema. Cada um dos documentos presentes neste arquivo discursivo possibilitou encontrar relações com os outros documentos do arquivo.

No que diz respeito à recuperação da informação, ou seja, ao que o leitor/usuário da web encontraria sobre a “morte de Paul McCartney”, tendo em vista a análise feita nesta pesquisa, seria o resultado bastante diversificado, advindo de multimídias.

O que se buscou apresentar nesta pesquisa é que por esta teoria de Michel Foucault a análise em documentos da web é possível e explora uma característica importante da web: a

diversidade de mídias e a confluência entre documentos considerados científicos (revistas científicas, livros, teses, dissertações, etc.) e documentos considerados não científicos (pertencentes ao universo artístico e estético como música, literatura, HQ's, sites, vídeos, etc.). Julgamos que somente isto já demonstraria um avanço no campo da Ciência da Informação, uma vez que esta área preocupa-se, no tratamento da informação, com o campo científico do conhecimento, apresentando lacunas quanto ao campo artístico e estético. Neste sentido, esta pesquisa, a nosso ver, preenche esta lacuna.

Esta teoria, sem dúvida, acrescentaria e ampliaria a compreensão do leitor/usuário da web sobre um determinado tema, já que:

- As ferramentas de pesquisa na web estão modificando sua forma de apresentação de resultados, tendo em vista a correlação entre documentos;
- Portanto, são necessárias novas formas de análise de documentos para que os resultados sejam cada vez mais eficientes aos leitores/usuários;
- Isto pode ser observado em conceitos advindos da análise do discurso como “enunciado discursivo”, “ciência e saber” “comentário” e “arquivo discursivo” de Foucault, que permitem analisar e selecionar documentos:
  - Científicos e não-científicos;
  - E , a partir da análise, os documentos formem um arquivo discursivo, que se relacionam entre si;
    - Isto, no contexto da web, proporciona ao usuário a obtenção de informações em diversos gêneros, suportes, materialidades.

Tendo em vista os princípios foucaultianos no terreno da Ciência da Informação, no que diz respeito à disponibilização deste tipo de arquivo discursivo na web, será necessário, ainda, a construção de um sistema que opere em função da análise, tal como a fizemos. Contudo, antevê-se que seria possível acoplar aspectos da padronização de dados no ambiente web advindos da Ciência da Informação, como os Functional Requirements for Bibliographic Records (FRBR) e o Resource Description and Access (RDA), e estimular o intercâmbio de conteúdos da web semântica de maneira a criar ambientes online para arquivos discursivos no modelo foucaultiano que permitam compartilhamento e integração de dados.

O que percebemos claramente foi que a descrição a partir da análise do discurso foucaultiana permitiu relacionar imagens, vídeos, textos escritos, etc. na web, por meio de um método de leitura e análise que solicita ao analista/bibliotecário que ele próprio também se posicione na mesma, não como intérprete ou recorrendo a pontos de vista subjetivos, mas, de

um modo responsável e fidedigno ao autor do documento que está sendo analisado. O analista busca na “rede dos discursos” os “enunciados efetivamente” pronunciados (FOUCAULT, 2010), do modo, por exemplo, como fizemos nas análises do Capítulo 4. Além disto, os estudos do tratamento da informação pela Ciência da informação permitiram realizar um esboço de como a análise pode ser apresentada no âmbito da web.

Neste sentido, a teoria arqueológica discursiva de Michel Foucault, uma proposta definida para textos estéticos culturais, associada à Ciência da Informação, pode contribuir sobremaneira para a organização, circulação e disponibilização ao leitor, dos documentos na web. A primeira contribuindo, de um modo fidedigno ao documento, para uma análise que tem como desfecho a integração relacional entre textos diferenciados, tendo como eixo central o tema discursivo, e a segunda oferecendo alguns modelos para o compartilhamento desses documentos na web.

## REFERÊNCIAS

ABREU, J. G.; MONTEIRO, S. D. Matrizes da linguagem e a organização virtual do conhecimento. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 39, n. 2, ago. 2010 . Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S0100-19652010000200001>. Acesso em: 9 jun. 2012.

BARITÉ, M. Referenciales teóricos vigentes en el área de tratamiento temático de la información y su expresión metodológica. In: II ENCONTRO DE DIREGENTES DOS CURSOS SUPERIORES DE BIBLIOTECONOMIA DOS PAÍSES DO MERCOSUL, 27-29 nov. 1997, Buenos Aires. **Relatório técnico...** Porto Alegre: ABEED, 1998. p. 7.

BARRETO, A. A. **Uma quase história da Ciência da Informação**. 2008. Disponível em: <http://aldoibct.bighost.com.br/Umaquasehist%C3%B3ria.pdf>. Acesso em: 9 jun. 2012.

BERNERS-LEE, T. **Linked data: design issues**. 2006. Disponível em: <http://www.w3.org/DesignIssues/LinkedData.html>. Acesso em: 5 ago. 2013.

BERNERS-LEE, T.; HENDLER, J.; LASSILA, O. The semantic web. **Scientific American**, p. 34-43, maio 2001. Disponível em: <http://www.scientificamerican.com/article.cfm?id=the-semantic-web>. Acesso em: 2 ago. 2013.

BERTHOLINO, M. L. F. Buscas em bases de dados. In: RAMOS, M.E.M. (Org.). **Tecnologia e novas formas de gestão em bibliotecas universitárias**. Ponta Grossa: UEPG, 1999.

BERTOLDI, M. T. J. **A comunicação visual dos Beatles como sedução no imaginário social e cultural**. 2009. 355 f. Tese (Doutorado em Comunicação Social) - Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2009.

BILLBOARD (2013). Disponível em: <http://www.billboard.com>. Acesso em: 2 maio 2013.

BIZER, C.; HEATH, T.; BERNERS-LEE, T. Linked data: the story so far. **International Journal on Semantic Web and Information Systems**, v. 5, n. 3, p. 1-22, 2009. Disponível em: <http://tomheath.com/papers/bizer-heath-berners-lee-ijswis-linkeddata.pdf>. Acesso em: 5 ago. 2013.

BLATTMANN, Ú.; SILVA, F. C. C. Colaboração e interação na Web 2.0 e Biblioteca 2.0. **Revista ACB**, n. 12, nov. 2007. Disponível em: <http://revista.acbsc.org.br/index.php/racb/article/view/530>. Acesso em: 17 mar. 2013.

BONILLA, J. Z. **Ciencia pública-ciencia privada**. Reflexiones sobre laproducción del saber científico. s.l.: Fondo de Cultura Económica, 2005. 240 p.

BRASCHER, M.; CAFÉ, L. Organização da informação ou organização do conhecimento? In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 9., 2008, São Paulo. **Anais...** São Paulo: USP, 2008. Disponível em: <http://www.ancib.org.br/media/dissertacao/1835.pdf> . Acesso em: 5 maio 2013.

CASTRO, F. F.; SANTOS, P. L. V. A. C. Uso das tecnologias na representação descritiva: o padrão de descrição bibliográfica semântica MarcOntInitiative nos ambientes informacionais digitais. **Ciência da Informação** [online]. 2009, v. 38, n. 1, p. 74-85. ISSN 0100-1965.

CATARINO, M. E.; BAPTISTA, A. A. Folksonomia: um novo conceito para a organização dos recursos digitais na Web. **DataGramaZero**, v. 8, n. 3, jun. 2007. Disponível em: [http://www.dgz.org.br/jun07/F\\_I\\_art.htm](http://www.dgz.org.br/jun07/F_I_art.htm). Acesso em: 26 mar. 2012.

CATARINO, M. E.; SOUZA, T. B. A representação descritiva no contexto da web semântica. **Transinformação**, Campinas, v. 24, n. 2, ago. 2012. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-37862012000200001&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-37862012000200001&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em: 26 jul. 2013. <http://dx.doi.org/10.1590/S0103-37862012000200001>.

CENDÓN, B. V. A internet. In: CAMPELO, B. S.; CEDON, B. V.; KREMER, J. M. (Org.). **Fontes de informação para pesquisadores e profissionais**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2003. p. 275-300.

CREATIVE COMMONS. **Sobre o CC**. [200-?]. Disponível em: [http://www.creativecommons.org.br/index.php?option=com\\_content&task=view&id=21&Itemid=33](http://www.creativecommons.org.br/index.php?option=com_content&task=view&id=21&Itemid=33). Acesso em: 26 mar. 2013.

critérios de qualidade. **Informação e Sociedade**, João Pessoa, v. 11, n. 2, CUNHA, M. B.; CAVALCANTI, C. R. **Dicionário de Biblioteconomia e Arquivologia**. Brasília, DF: Briquet de Lemos, 2008. 451p.

DIALBFORBLOG (2013). Disponível em: <http://www.dialbforblog.com/archives/493/batman222june1970.jpg>. Acesso em: 20 out. 2012.

ECO, U. **Folha de São Paulo**. Caderno Mais. p. 4-10. 14 de dezembro de 2003.

EUROPEANA. Disponível em: <http://www.europeana.eu/>. Acesso em: 10 ago. 2013.

FEITOSA, A. **Organização da informação na web: das tags à web semântica**. Brasília : Thesaurus, 2006. 131 p.

FERNEDA, E. **Recuperação de Informação: análise sobre a contribuição da Ciência da Computação para a Ciência de Informação**. 2003. 137 f. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) – Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2003.

FERRAZ, A.; CANATO, D. E.; GASPAR, N. R. No movimento da leitura das histórias em quadrinhos: uma proposta discursiva para a Ciência da Informação. **RDBCI**, Campinas, v. 9, n. 1, p. 106-127, jul. 2011. Disponível em: <http://www.sbu.unicamp.br/seer/ojs/index.php/rbci/article/view/505>. Acesso em: 18 ago. 2013.

FERREIRA, A. B. H. **Novo dicionário Aurélio da língua portuguesa versão 5.0**. Coordenação e edição de Margarida dos Anjos; Marina Baird Ferreira. São Paulo: Editora Positivo, 2004. 1 CD-ROM.

FOUCAULT, M. **A arqueologia do saber**. 7 ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010. 244 p.

\_\_\_\_\_. **A ordem do discurso**. São Paulo: Edições Loyola, 2011.

\_\_\_\_\_. **Arqueologia das ciências e história dos sistemas de pensamento**. [Dits et écrits]. Manoel Barros da Motta (Org.). Elisa Monteiro (Trad.). 2 ed. Rio de Janeiro: Forense Universitaria, 2005. v. 2. 376 p. (Ditos e Escritos; v. 2). ISBN 85-218-0366-4.

FURTADO, J. A. **O papel e o pixel**. Do impresso ao digital: continuidades e transformações. Florianópolis: Escritório do Livro, 2006.

GALVÃO, M. C. B. Os conceitos dos termos biblioteconomia, documentação e ciência da informação. **Revista Brasileira de Biblioteconomia**, v. 26, n. 1/2, p. 100-114, jan./jun. 1993.

GAMA-KHALIL, M. O espaço metamorfose da literatura. In: MILANEZ, N.; GASPAR, N. R. (Orgs.). **A (des)ordem do discurso**. São Paulo: Contexto, 2010.

GASPAR, N. R. Análise do discurso: a leitura no foco do audiovisual. **Polifonia**, Cuiabá, v. 13, p. 59-76, 2007. Disponível em: <http://cpd1.ufmt.br/meel/arquivos/artigos/141.pdf>. Acesso em: 17 abr. 2013.

GASPAR, N. R.; GIGANTE, L.; SCHUTZER, L. C. Discurso, sujeito e mídia em Foucault: o véu na mulher muçulmana. **Acta Scientiarum**. Language and Culture (Online), v. 33, p. 217-229, 2011. Disponível em: <http://periodicos.uem.br/ojs/index.php/ActaSciLangCult/article/view/11180/11180>. Acesso em: 10 abr. 2013.

GASPAR, N. R.; MALVESTIO, E. M. Práticas discursivas no cuidado com os corpos em Almodóvar: laços familiares atuais instituídos pelo sujeito feminino. **InCID: Revista de Ciência da Informação e Documentação**, Ribeirão Preto, v. 2, n.2, p. 54-66, jul./dez. 2011. Disponível em: <http://revistas.ffclrp.usp.br/incid/article/view/78>. Acesso em: 4 abr. 2013.

GASPAR, N. R.; OLIVEIRA, C. G. Um olhar de Foucault no discurso religioso. In: **Discurso e Leitores de imagens** [E-book]. UFSCar. 2012. Disponível em: <http://www.jornadaadci.ufscar.br/pdfs/ebook/15.pdf>. Acesso em: 10 abr. 2013.

GASPAR, N. R.; REIS, L. L. Um olhar da análise do discurso para a representação temática na Ciência da Informação. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 11, n. 6, dez. 2010. Disponível em: [http://www.dgz.org.br/dez10/Art\\_01.htm](http://www.dgz.org.br/dez10/Art_01.htm). Acesso em: 06 set. 2011.

GASPAR, N. R.; ROMÃO, L. M. S. (Org.). **Discurso e texto: multiplicidade de sentidos na Ciência da Informação**. São Carlos, EDUFSCar, 2008.

GASPAR, N., ANDRETTA, P. Olhares enunciativos no discurso literário: uma análise das capas de Dom Casmurro. **Linguagem em (Dis)curso**, Santa Catarina, 11, fev. 2012. Disponível em: [http://www.portaldeperiodicos.unisul.br/index.php/Linguagem\\_Discurso/article/view/819/75](http://www.portaldeperiodicos.unisul.br/index.php/Linguagem_Discurso/article/view/819/75). Acesso em: 10 abr. 2013.

- GUIMARÃES, J. A. C. A análise documentária no âmbito do tratamento da informação: elementos históricos e conceituais. In: RODRIGUES, J. M.; LOPES, I. L. (orgs.) **Organização e representação do conhecimento na perspectiva da ciência da informação**. Brasília: Thesaurus, 2003. (Estudos avançados em ciência da informação; 2). p. 100-117.
- HEUSER, C. A. **Projeto de banco de dados**. s.l.: Editora Sagra Luzzatto, 1998.
- IS PAUL dead? (2013). Disponível em: [www.ispauldead.com](http://www.ispauldead.com). Acesso em: 7 ago. 2012.
- JOINT Steering Committee for Development of RDA (JSC). **RDA**: descrição e acesso de recursos. Disponível em: <http://www.rda-jsc.org/>. Acesso em: 19 jul. 2013.
- KENNEDY, M.. **Dicionário Oxford de Música**. [The Oxford dictionary of music]. Gabriela Gomes da Cruz (Trad.). Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1994. 809 p.
- KURAMOTO, H. Sintagmas nominais: uma nova abordagem no processo de indexação. In: NAVES, M. M. L.; KURAMOTO, H. (Org.). **Organização da informação**: princípios e tendências. Brasília, DF: Briquet de Lemos, 2006. p.117-137.
- LE BOUEF, P. O admirável mundo novo do FRBR. In: **Reunião da IFLA de Especialistas para um Código de Catalogação Internacional**, 2007. Tradução de Fernanda Moreno. Disponível em: [http://www.imeicc5.com/download/portuguese/Presentations2c\\_BraveNewFRBRWorld%28PR%29\\_Port.pdf](http://www.imeicc5.com/download/portuguese/Presentations2c_BraveNewFRBRWorld%28PR%29_Port.pdf). Acesso em: 20 jul. de 2013.
- LE COADIC, Y-F. **A Ciência da Informação**. 2. ed. Brasília: Briquet de Lemos Livros, 2004. 124 p.
- LE GOFF, J. **História e memória**. Campinas: Editora da UNICAMP, 1990.
- LÉVY, P. **As tecnologias da inteligência**. Rio de Janeiro: Editora 34, 1993.
- LÉVY, P. **O que é o virtual?**. Rio de Janeiro: Editora 34, 1996.
- LIMA, V. M. A.; BOCCATO, V. R. C. O desempenho terminológico dos descritores em Ciência da Informação do Vocabulário Controlado do SIBi/USP nos processos de indexação manual, automática e semi-automática. **Perspectivas em Ciência da informação** [online]. 2009, v. 14, n. 1, p. 131-151. ISSN 1413-9936. Disponível em: <http://portaldeperiodicos.eci.ufmg.br/index.php/pci/article/view/729/571>. Acesso em: 14 ago. 2013.
- MACHADO, Roberto. **Ciência e Saber**: a trajetória da arqueologia de Michel Foucault. 2. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1982.
- MANESS, J. M. Library 2.0 theory: web 2.0 and its implications for libraries. **Webology**, v. 3, n. 2, jun. 2006. Disponível em: <http://www.webology.org/2006/v3n2/a25.html> . Acesso em: 23 mar. 2012.

MARTELETO, R. Análise de redes sociais: aplicação nos estudos de transferência da informação. **Ciência da Informação**, Brasília, jun. 2001. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ci/v30n1/a09v30n1.pdf>. Acesso em: 2 maio 2012.

MICHAELIS: moderno dicionário da língua portuguesa. São Paulo: Companhia Melhoramentos, 1998-(Dicionários Michaelis). 2259 p.

MOREIRA, W. Provocações deleuzeanas para as linguagens documentárias. **InCID: Revista de Ciência da Informação e Documentação**, n. 1, dez. 2010. Disponível em: <http://revistas.ffclrp.usp.br/incid/article/view/26>. Acesso em: 17 ago. 2013.

MORENO, F. O modelo conceitual FRBR: discussões recentes e um olhar sobre as tarefas do usuário. **Encontros Bibli: revista eletrônica de Biblioteconomia e Ciência da Informação**. Florianópolis, v. 14, n. 27, 2009. Disponível em: <http://www.periodicos.ufsc.br/index.php/eb/article/view/1518-2924.2009v14n27p47/10136>. Acesso em: 5 jul. 2013.

MORENO, F. P.; ÁRDERO ARELLANO, M. A. Requisitos funcionais para registros bibliográficos – FRBR: uma apresentação. **Revista Digital de Biblioteconomia e Ciência da Informação**. Campinas, v. 3, n. 1, jul./dez. 2001. Disponível em: <http://eprints.rclis.org/bitstream/10760/10241/1/RDBCI-2005-42%5B1%5D.pdf>. Acesso em: 16 jul. 2013.

MUGGIATI, R. **A revolução dos Beatles**. Rio de Janeiro: Ediouro, 1997.

\_\_\_\_\_. **Rock, o grito e o mito: a música pop como forma de comunicação e contracultura**. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 1983.

\_\_\_\_\_. **Rock: os anos heroicos e os anos de ouro: de Elvis a beatlemania (1954-1966)**. São Paulo: Brasiliense, 1985. v. 96. 103 p.

ORTEGA, C. D. Do princípio monográfico à unidade documentária: exploração dos fundamentos da catalogação. **Liinc em Revista**, v.7, n.1, p.43-60, 2011. Disponível em: <http://revista.ibict.br/liinc/index.php/liinc/article/viewFile/402/263>. Acesso em: 5 maio 2013.

ORTEGA, C. D. Relações históricas entre Biblioteconomia, Documentação e Ciência da Informação. **DataGramZero**, v. 5, n. 5, out. 2004. Disponível em: [http://www.dgz.org.br/out04/Art\\_03.htm](http://www.dgz.org.br/out04/Art_03.htm). Acesso em: 5 maio 2013.

PACHECO, F. **The Beatles**. Tradução de Paula Vianna Portugal. Coimbra: ROCK ON 3., 1998.

PATTERSON, R. G. **The walrus was Paul: the great beatle death clues**. New York: Fireside, 1996.

YOUTUBE. **Paul McCartney: David Letterman com legendas**. Disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=XcSriSWVeJE>. Acesso em: 13 ago. 2012.

PEREIRA, D. C.; CRUZ, R. C. Folksonomia e tags afetivas: comunicação e comportamento informacional no Twitter. **DataGramZero**, Rio de Janeiro, v. 11, n. 6, dez. 2010. Disponível em: [http://www.datagramzero.org.br/dez10/Art\\_06.htm](http://www.datagramzero.org.br/dez10/Art_06.htm). Acesso em: 9 dez. 2012.

POLLOCK, J. T. **Web semântica para leigos**. Rio de Janeiro: Alta Books, 2010. 402 p.

RACUERO, R. A nova revolução: as redes são as mensagens. In: BRAMBILLA, A. (Org.). **Para entender as mídias sociais**. 2011. Disponível em: <http://midiaboom.com.br/2011/04/26/e-book-colaborativo-para-entender-as-midias-sociais/>. Acesso em: 2 maio 2012.

REEVE, A. J. **Turn me on, dead man: the Beatles and the 'Paul is dead' hoax**. Bloomington: Authorhouse, 2004.

ROBREDO, J. **Da Ciência da Informação revisitada aos sistemas humanos de informação**. Brasília: Thesaurus, 2003. 262 p.

SANTOS, F. V. S.; GASPAR, N. R. Novos horizontes para estudos sobre a organização da informação na web: um olhar para a Análise do Discurso. **Versão Beta** (UFSCar), v. 69, p. 19-31, 2012.

SCHROEDER, S. C. N. O músico: desconstruindo mitos. **Revista da ABEM**, Porto Alegre, v. 10, 109-118, mar. 2004.

SHADBOLT, N.; BERNERS-LEE, T.; HALL, W. The semantic web revisited. **IEEE Intelligent Systems**, 2006, n. 21, v. 3, p. 96-101. Disponível em: <http://eprints.soton.ac.uk/262614/>. Acesso em: 9 jul. 2013.

SHERA, J. H. Sobre biblioteconomia, Documentação e ciência da informação. In: FOSKETT, D. J. et al: **Ciência da Informação ou Informática?** Rio de Janeiro: Calunga, 1980. p. 91-105.

SILVA, T. A. Avaliação do acesso ao SINIMA: Sistema Nacional de Informação sobre o Meio-ambiente. **Perspectivas em Ciência da Informação**, Belo Horizonte, v. 12, n. 3, dez. 2007. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1413-99362007000300004&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-99362007000300004&lng=en&nrm=iso). Acesso em: 9 jan. 2012.

SOUSA, M. **Turma do Penadinho em: Paul is dead**. Editora Globo: Rio de Janeiro, 2006. Disponível em: <http://www.monica.com.br/comics/paul/welcome.htm>. Acesso em: 20 out. 2012.

SVENONIUS, E. **The intellectual foundation of information organization**. Cambridge: The MIT Press, 2000. 255 p.

THE BEATLES (2013). Disponível em: <http://www.thebeatles.com/>. Acesso em: 20 out. 2012.

TILLET, B. RDA and the Semantic Web, Linked Data Environment. **Italian Journal of Library and Information Science**, [S.l.], v. 4, n. 1, p. 139, jan. 2013. ISSN 2038-1026.

Disponível em: <http://leo.cilea.it/index.php/jlis/article/view/6303>. Acesso em: 18 ago. 2013.  
doi:10.4403/jlis.it-6303.

TOMAÉL, M. et al. Avaliação de fontes de informação na Internet: critérios de qualidade. **Informação & Sociedade: Estudos**, v. 11 n. 2, p. 13-35, 2001. Disponível em:  
<http://www.ies.ufpb.br/ojs/index.php/ies/article/view/293/216>. Acesso em: 2 mar. 2013.

TOMAEL, M. I.; ALCARA, A. R.; DI CHIARA, I. G. Das redes sociais à inovação. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 34, n. 2, ago. 2005. Disponível em:  
[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0100-19652005000200010&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-19652005000200010&lng=en&nrm=iso). Acesso em: 2 mar. 2013.

W3C. World Wide Web Consortium. Disponível em: <http://www.w3.org>. Acesso em: 2 jul. 2013.